MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico

Ellis Bruna Mota Coelho

M

2025

Ellis Bruna Mota Coelho
A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico

M.FAUP **2025**

A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico
Ellis Bruna Mota Coelho

FACULDADE DE ARQUITETURA

Participação no IJUP 2025: *O Impacto da Sala de Estar Centralizada na Organização do Espaço Doméstico* | *The Impact of a Centralized Living Room on the Organization of Domestic Space*

A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto
Orientação pela Prof.ª Doutora Marta Rocha Moreira
Mestrado Integrado - 2025
Ellis Bruna Mota Coelho

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto sob a orientação da Profª Marta Rocha Moreira

Agradecimentos

Aos meus pais, por todo o apoio, carinho e compreensão incondicionais em todos os momentos que fizeram parte do meu percurso. Eternamente grata por todo sacrifício e dedicação, não apenas nesta fase, mas em todas as etapas da minha vida.

À minha Prof.ª Doutora Marta Rocha Moreira, pela excelente orientação e atenção rigorosa, ao longo de todo o percurso da dissertação. Por toda paciência, disponibilidade e prontidão com que sempre acompanhou o meu trabalho, e por todas as vezes que me chamou atenção e não deixou que o meu caminho se esbatesse.

Ao Bruno, por todo apoio emocional e motivacional, ao longo da minha jornada. Por me ajudar a manter a calma nos momentos de tensão, e por ter estado sempre ao meu lado, incondicionalmente.

Resumo

Esta dissertação analisa a Sala de Estar Central como elemento organizador do espaço doméstico. Embora tradicionalmente associada a moradias unifamiliares, nesta investigação procura-se compreender, de que forma o papel da sala de estar central é interpretado no desenho de apartamentos de edifícios de habitação plurifamiliar, a partir de diferentes perspetivas teóricas e práticas de vários autores. A análise inicia com uma abordagem histórica do tema, evidenciando a evolução do espaço central da casa e as transformações que sofreu ao longo dos séculos, em termos de significados, funções e adaptações. Depois, apresenta-se uma classificação em cinco categorias distintas, definidas a partir de características observadas em diversos casos de estudo, com o objetivo de perceber de que modo a centralidade deste espaço permanece relevante na contemporaneidade.

Abstract

This dissertation analyzes the Central Living Room as an organizing element of domestic space. Although traditionally associated with single-family homes, this research seeks to understand how the role of the central living room is interpreted in the design of apartments in multi-family residential buildings, based on different theoretical and practical perspectives from various authors. The analysis begins with a historical approach to the topic, highlighting the evolution of the central space of the house and the transformations it has undergone over the centuries in terms of meanings, functions, and adaptations. Next, a classification into five distinct categories is presented, defined based on characteristics observed in various case studies, with the aim of understanding how the centrality of this space remains relevant in contemporary times.

Palavras-chave: Sala de Estar Central, Espaço Doméstico, Configuração, Organização
Keywords: Central Living Room, Domestic Space, Configuration, Organization

Sumário

1. Introdução **10**

1.1. Objeto **12**

1.2. Objetivos **14**

1.3. Metodologia **16**

2. Evolução do Espaço Central Doméstico **18**

3. Sala de Estar Central: Temas de Desenho **30**

3.S1. Sala de Estar central como espaço de entrada **34**

a) A sala na transição entre o público e o privado 36
b) Quando a sala é antecâmara 40
c) Entre chegada e permanência na sala 44

3.S2. Sala de Estar central como ponto de circulação **48**

a) Quando o caminho atravessa o estar 50
b) Caminhos alternativos à sala central 54
c) A exposição inevitável 58

3.S3. Sala de Estar central aberta **62**

a) Segundo o princípio "Open Space" 64
b) Sensação de maior amplitude e perceção do espaço 68
c) A sala com vários núcleos 72

3.S4. Sala de Estar central fechada **76**

a) A sala fechada como reflexo das tradições 78
b) Separação dos usos 82
c) A possibilidade de isolamento simbólico. 86

3.S5. Sala de Estar Central que articula o interior e o exterior **90**

a) Conforto ambiental através da sala 92
b) Sistemas passivos através da sala central 96
c) A varanda como sala de estar exterior 100

4. A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico **104**

5. Referências Bibliográficas **111**

1. Introdução

1.1. Objeto

O espaço doméstico ocupa um lugar central no campo da arquitetura, uma vez que nele se inscrevem não apenas questões funcionais, mas também culturais, sociais e simbólicas. Nesse sentido, a organização do espaço doméstico constitui o objeto de estudo desta investigação, analisada a partir da Sala de Estar Central, considerada o coração da casa, o principal espaço de conexão entre os habitantes, e um dos ambientes mais versáteis do espaço doméstico. Além disso, trata-se do compartimento mais vivido da casa, onde se passa a maior parte do tempo em conjunto e aquele que, geralmente, tem maior impacto na apreciação do conjunto dos espaços domésticos. O interesse pelo estudo decorre tanto do fascínio pessoal pelo desenho da casa, como do reconhecimento da sala de estar como o espaço mais central da vida doméstica. Portanto, também do ponto de vista pessoal, tornou-se pertinente abordar esta temática, com o intuito de compreender de que forma a Sala de Estar Central influencia a configuração espacial de toda a casa em que se insere e os modo como a habitamos.

Mas porquê a Sala de Estar? De acordo com Josef Frank, a Sala de Estar deve ser considerada o compartimento mais importante de uma casa. Sugere ainda que, seria mais adequado usar esse espaço mutável como ponto de partida e, em seguida, construir sobre ele, ao invés de se proceder no sentido contrário.[1] Num outro enquadramento de análise, Christopher Alexander centra-se na problemática da disposição estratégica, argumentando que é no centro de gravidade do edifício que deve estar localizada a Sala de Estar: *"Deve estar no centro de gravidade do complexo de edifícios, do edifício ou da ala do mesmo ocupada pelo grupo. Por outras palavras, deve estar no coração físico da organização, sendo igualmente acessível a todos e sendo percebido como o centro do grupo."*[2] É a este princípio de centralidade da Sala de Estar que se dedica a presente investigação.

---

[1] BERGQUIST, Makael; MICHÉLSEN, Olof; *Accidentism: Josef Frank*. Basileia, Birkhauser, 2005, p. 20.

[2] ALEXANDER, C: *Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.* Gustavo Gili, Barcelona, 1980, pág. 552.

1.2. Objetivos

O foco desta investigação é refletir analiticamente sobre a posição central da sala de estar no espaço doméstico. O trabalho tem como propósito a exploração de diferentes reinterpretações das lógicas de desenho da Sala de Estar Central em edifícios de habitação plurifamiliar, a partir de um conceito muito mais explorado no âmbito da habitação unifamiliar. Pretende-se compreender de que forma este espaço, historicamente concebido como um núcleo de convivência e da organização da vida doméstica, se integra em tipologias de habitação plurifamiliar, e de que maneira a sua configuração influencia o seu uso enquanto espaço de estar. Nesse sentido, considerou-se fundamental identificar e compreender algumas das tradições de caracterização de um espaço central que em várias épocas e geografias compunha a habitação – o *Hall;* para depois, através da análise comparativa de vários casos de estudo, se identificarem temas de desenho da Sala de Estar Central, umas vezes exploradas isoladamente nos projetos selecionados, outras vezes sobrepondo-se e complementando-se entre si.

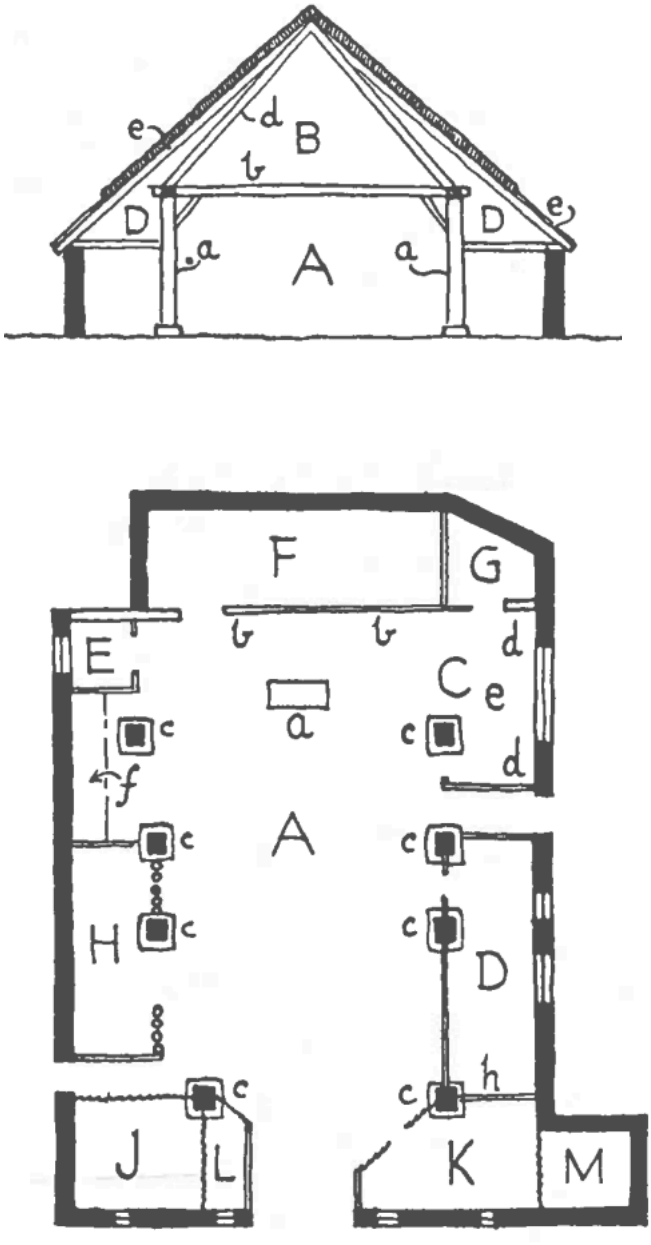
Pretendeu-se sustentar as abordagens analíticas empreendidas para cada tema através da agregação de contributos práticos e teóricos provenientes de vários contextos e autores. Procurou-se, no entanto, identificar estratégias de projeto relacionadas com certos princípios arquitetónicos, que permitissem compreender o impacto da centralidade da sala de estar no desenho da totalidade da casa. O estudo sobre a Sala de Estar Central em habitações plurifamiliares revela-se como um exercício particularmente restritivo, dado tratar-se de uma matéria bastante específica pouco explorada na literatura existente. Contudo, considera-se pertinente destacar que o trabalho não visa estabelecer juízos de valor sobre a validade das abordagens, mas sim demonstrar diversas formas de organização do espaço doméstico em torno da Sala de Estar Central. O estudo constitui, igualmente, um argumento a favor de uma perspetiva historicamente consciente no campo disciplinar da arquitetura, sustentando a ideia de que os métodos e debates do passado são potencialmente úteis no contexto atual.

1.3. Metodologia

A metodologia utilizada para elaboração da presente dissertação encontra-se dividida em duas partes, nas quais se recorre a metodologias distintas, tendo em conta o percurso que se pretendeu construir. Após um extenso processo de procura e recolha bibliográfica, procedeu-se à leitura e análise de textos e livros, com origens bastante diversificadas, dedicados mais ou menos ou diretamente a salas de estar. Este levantamento permitiu estabelecer um enquadramento histórico e teórico, a partir do qual foi possível identificar permanências e transformações do desenho da Sala de Estar Central. Como referências históricas principais, destacaram-se o *Hall* central inglês e as villas de Andrea Palladio, permitindo compreender tanto a dimensão simbólica e organizativa da sala de estar central, bem como a sua articulação com o conjunto da casa. Por outro lado, como referência mais recente, assumiu particular relevância o bloco de apartamentos concebido pelo arquiteto Alvar Aalto para o Bairro de Hansaviertel em Berlim, pelo modo como reinterpretou o princípio de centralidade da sala de estar no âmbito da habitação plurifamiliar.

Num registo complementar, foi essencial a procura de vários casos de estudo, tendo-se recorrido tanto a manuais, monografias e revistas, como a recursos online que permitiram seleccionar um número considerável de casos de estudo. A leitura das plantas dos apartamentos e edifícios seleccionados foi realizada em duas escalas, 1:200 e 1:500, de modo a evidenciar as organizações particulares e gerais. A partir da análise dos 30 casos exemplares de salas de estar centrais, foi possível agrupar, através de características comuns, temas de desenho tratam de determinado assunto sobre a posição central da sala de estar. Cada tema foi dividido em três aspetos distintos e integra uma breve análise contextual teórica, seguida de uma leitura dos respectivos casos de estudo. A sequência das categorias corresponde a uma progressão espacial e funcional que reflete distintos posicionamentos teórico-práticos da Sala de Estar na organização do espaço doméstico. Considera-se importante salientar que, ao longo do trabalho, o termo “casa”, é assumido como sinónimo de “apartamento”.

2. Evolução do Espaço Central Doméstico



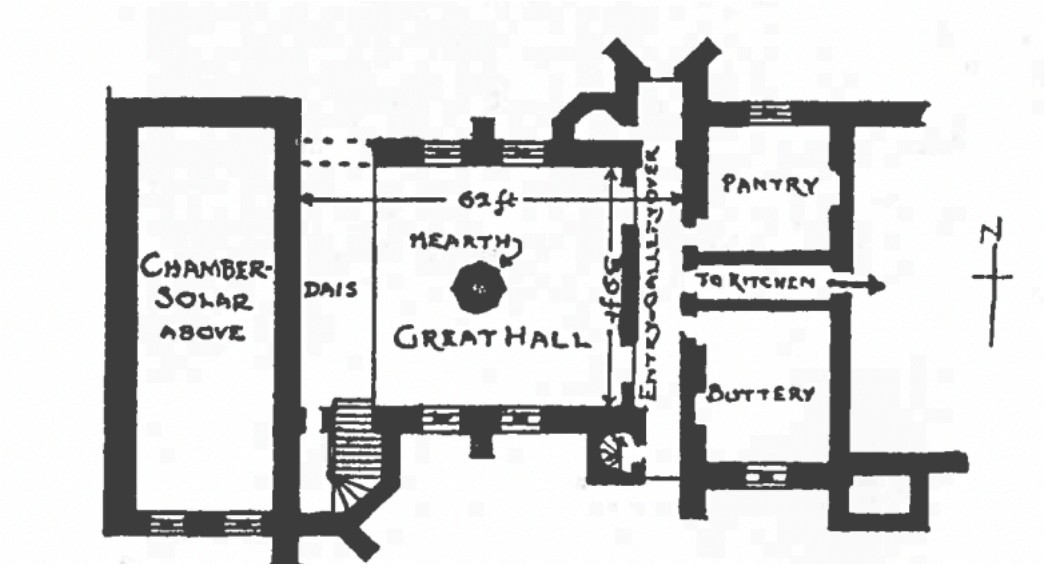
[Fig 1]: Corte e planta de um Hall Saxão da época medieval. Saterland.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 116

O estudo transversal das origens e evoluções do espaço de estar central na habitação até ao momento presente, possibilita não só a compreensão de muitas transformações arquitetónicas, mas também de variadas mudanças culturais e sociais. Do mesmo modo que, permite perceber diferentes designações atribuídas a esse espaço e acompanhar como a linguagem refletiu tais transformações.

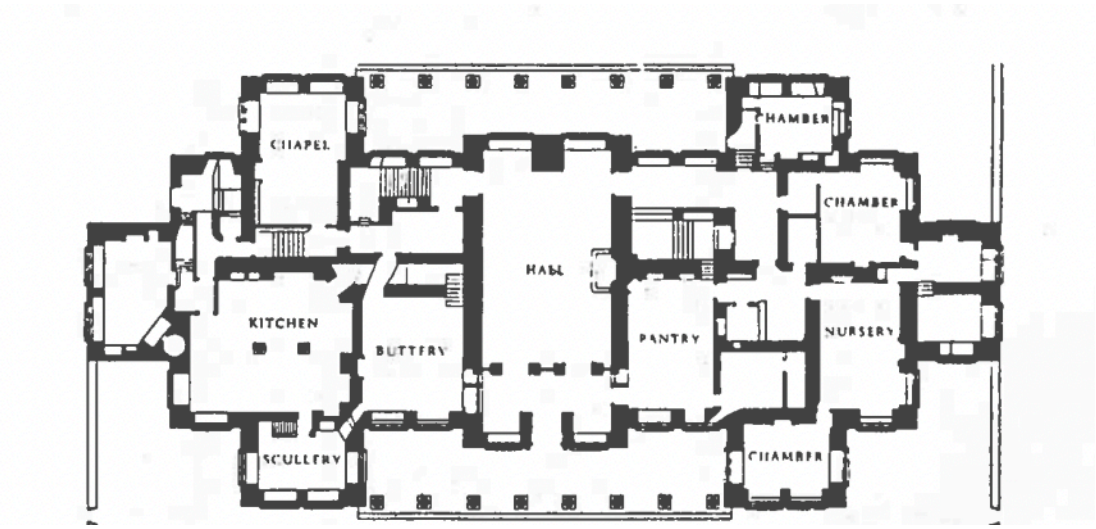
"As tradições têm um grande poder precisamente porque nos oferecem possibilidades e orientações capazes de sustentar a inovação."[3]

Após mais de quatro séculos de domínio romano, a Inglaterra foi invadida no ano 240 por bárbaros de origem germânica, designados saxões, jutas e anglos. Esta invasão perdurou até ao século V, altura em que se assinala o início do período conhecido na história da Inglaterra como Anglo-Saxão, que persistirá até 1066. A partir desse momento, os vestígios da cultura romana foram apagados, uma vez que a destruição pelos invasores foi quase total. Não obstante, os conhecimentos das tecnologias construtivas romanas foram preservados, procedendo-se à substituição de modelos antigos por novos. Nesse contexto, entre as múltiplas soluções desenvolvidas durante o período romano, destaca-se a planta em torno de um espaço central, que condensava toda a esfera doméstica e onde se desenrolavam as diversas atividades do quotidiano. É neste contexto e período que se encontra a origem do Hall[4], que foi apropriado pelos saxões, recebendo o nome de *Hall Saxão*. Estas pequenas construções, que na realidade, eram habitações, sobreviveram até ao fim da Idade Média na tradição inglesa, recebendo a designação de *Manor House*, formadas inicialmente apenas pelo *Great Hall*, que organizava toda a vida quotidiana no seu interior. A partir do século XIII, verificou-se um aumento da dimensão das *Manor*

[3] MOORE, Charles; ALLEN, Gerald; LYNDON, Donlyn; *La casa: forma y diseño*. Barcelona, Gustavo Gili, 1999, Prólogo.
[4] CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 91.



[Fig 2]: Exemplo de uma *Manor House*. Penshurst Place, Kent, 1341.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 131



[Fig 3]: O *Great Hall* como espaço representativo. Hardwick Hall, Dersbyshire, 1596.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 137

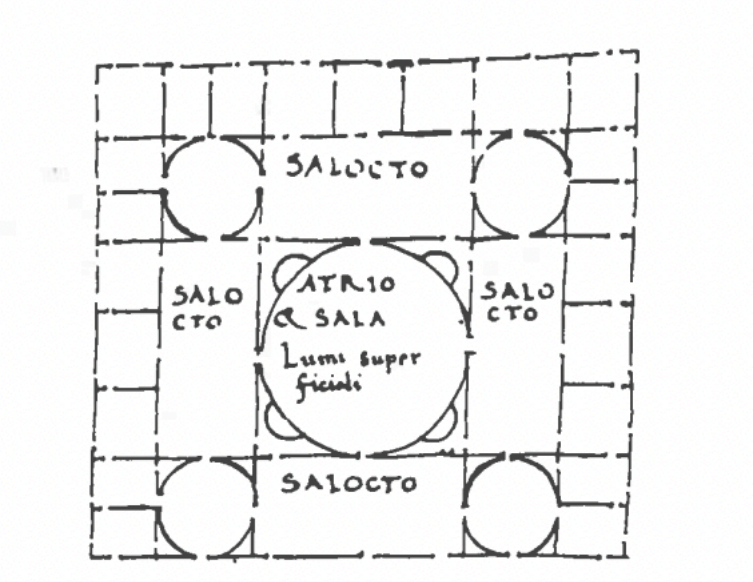
Houses, bem como enriquecimentos dos programas domésticos, mas a sala central continuou a ser o compartimento e o espaço comum principal.
No entanto, no Renascimento, estabeleceram-se novos equilíbrios entre tradição e modernidade, com a introdução de mais espaços específicos, que passaram a satisfazer determinadas funções do hall, reduzindo, deste modo, a sua função primordial nos períodos antigo e medieval.

"O Great Hall continuou a manter a sua posição como sala central na composição geral da casa, mas dado que cada vez apareciam salas mais especializadas em determinadas funções, este tornou-se numa Sala de Cerimónias que unia as diversas salas da casa como um grande distribuidor geral (...)."[5]

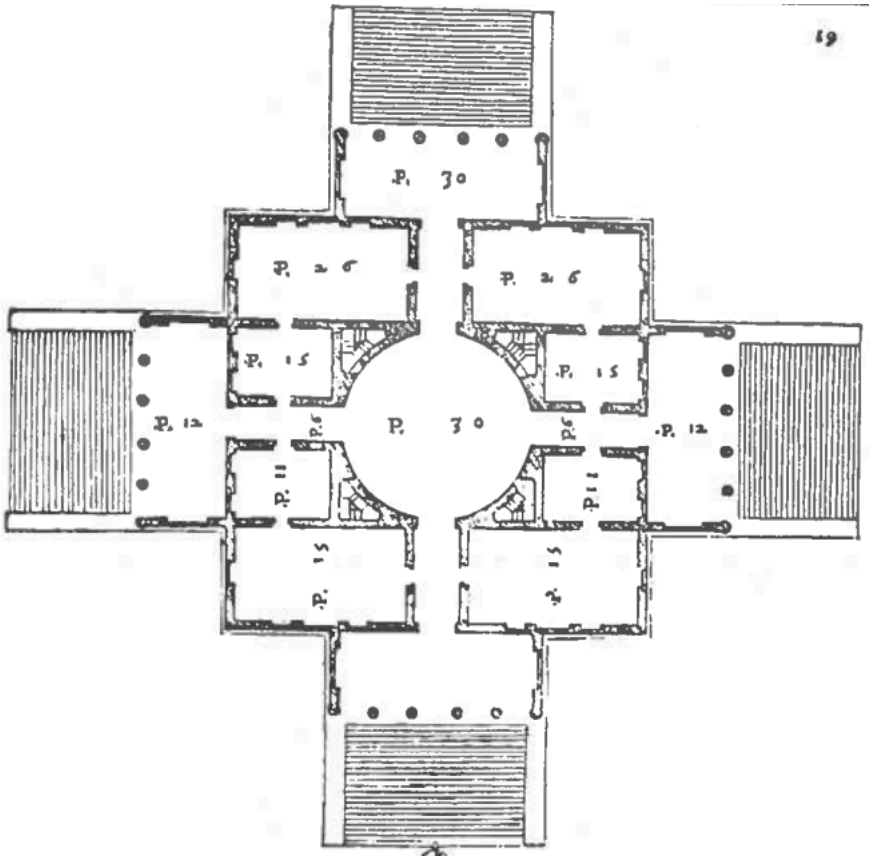
Durante os séculos XVII e XVIII em Inglaterra, houve uma transformação radical na arquitetura residencial sob a influência palladiana. A partir desta época, a expansão medieval dos edifícios será substancialmente substituída por fortes tendências neoclássicas, tendo o palladianismo emergido como o paradigma arquitetónico. Os ingleses demonstraram um impacto significativo em relação à linguagem clássica da arquitetura italiana, pelo seu sentido de modernidade distinto, mas, sobretudo, pela capacidade de se adaptar aos requisitos específicos da sociedade inglesa, no sentido da evolução de novas formas de entender e experienciar o espaço. A nobreza e a alta burguesia identificaram na iconografia palladiana uma nova forma de expressão e afirmação social, tendo igualmente encontrado no espaço central palladiano a correspondência com o Hall que sempre teve uma conotação de poder. Deste modo, este espaço, agora reforçado com carácter representativo, passou a ser muito desejado pelas classes de dirigentes.

"Seja qual for a distinção entre palácios e vilas, todos têm um espaço central cercado por menores (...). Num palácio, o espaço central é obviamente o pátio,

[5] Ibidem. p. 100.



[Fig 4]: Desenho do tratado de Francesco de Giorgio Martini.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 142



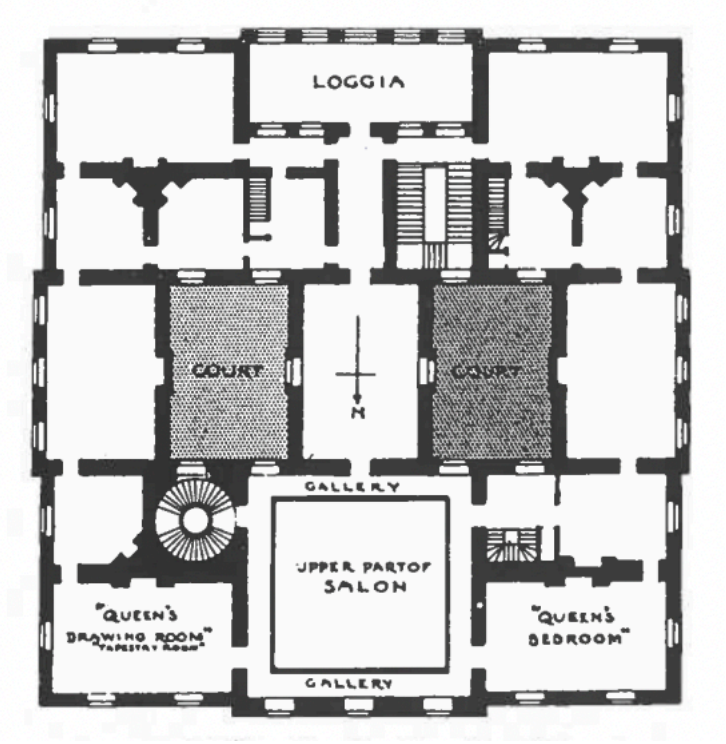
[Fig 5]: Villa Almerico, *La Rotonda,* Vicenza, 1570. Andrea Palladio.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 143

mas no caso de uma vila, é a sala, o grande salão, que serve como sala de estar."[6] Para Andrea Palladio, a sala central constituía o compartimento mais importante das vilas, assumindo um papel determinante na organização do espaço doméstico. Os seus princípios baseavam-se nas complexidades da interpretação renascentista da descrição de Vitrúvio, em relação ao átrio da casa romana. A partir desta referência, Palladio desenvolveu uma abordagem renascentista que valorizava a centralidade, a simetria e a hierarquia espacial.

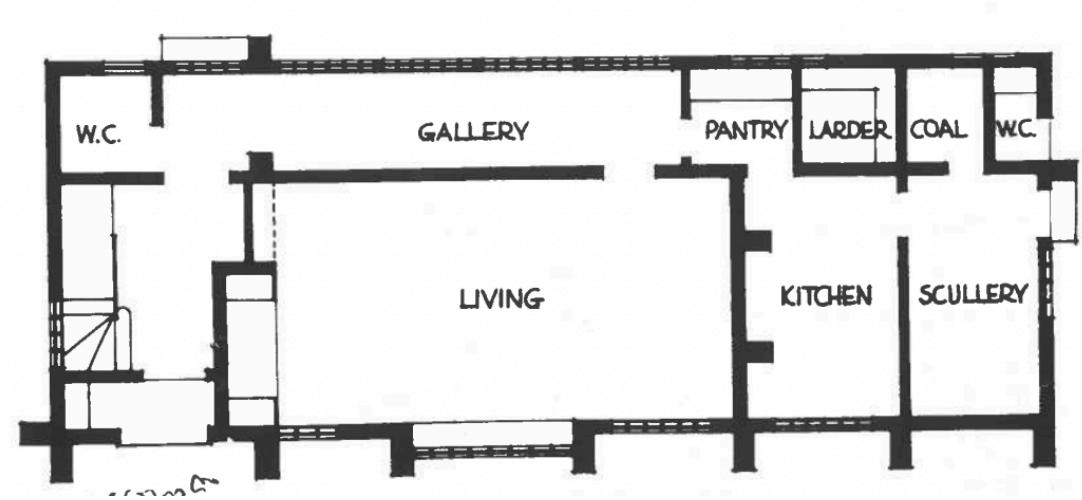
"Palladio não hesita em usar de forma pragmática, alguns caracteres da arquitetura tradicional e de forma natural transforma-os na arquitetura mais moderna de sua época. (...) numa composição tripartida com um corpo central construído."[7] Este sistema tripartido apoiava-se na tradição, segundo a qual a típica casa veneziana, tal como a casa medieval inglesa, possuía um grande salão central, que funcionava como ponto de encontro e acesso aos demais quartos. No entanto, é possível identificar a presença da ideia de grandes espaços centrais anteriores à obra de Palladio, no *Tratado de arquitetura civil e militar,* de Francesco de Giorgio Martini, onde se encontrava esboçada a planta de uma vila, cujo espaço central ostentava as palavras *`Átrio´* ou *`Sala´*. A Villa Almerico, em Vicenza, também conhecida como *La Rotonda* pertence a este tipo de casas e tornou-se num arquétipo na obra de Palladio. A configuração desta villa é o resultado da sobreposição de duas plantas tripartidas, dispostas em formato de cruz, com um salão central redondo, designado *`la Sala´*, que ocupava o *`coração da casa´*. *"Dela partem, assim como na circulação sanguínea do corpo humano e animal, todas as funções domésticas: o acesso aos demais compartimentos da casa, sua iluminação e ventilação."*[8] Na mesma linha de pensamento, outros arquitetos como Alberti, na sua obra *De Re Aedificatoria,* sustentavam que a sala é como o *`fórum e regazo da casa´,* enquanto Scamozzi a referia como *`o coração no*

---

[6] MITROVIC, Branko; *Learning from Palladio*. New York, Norton & Company, 2004, p. 43.
[7] CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 102.
[8] Ibidem, p. 103.



[Fig 6]: Projeto inspirado nas vilas palladianas. Queen´s House, Greenwich, 1618. Iñigo Jones.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 144



[Fig 7]: Substituição para o termo *Living*. Casa do arquiteto C.F.A, Inglaterra, 1885.
Fonte: CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007, p. 203

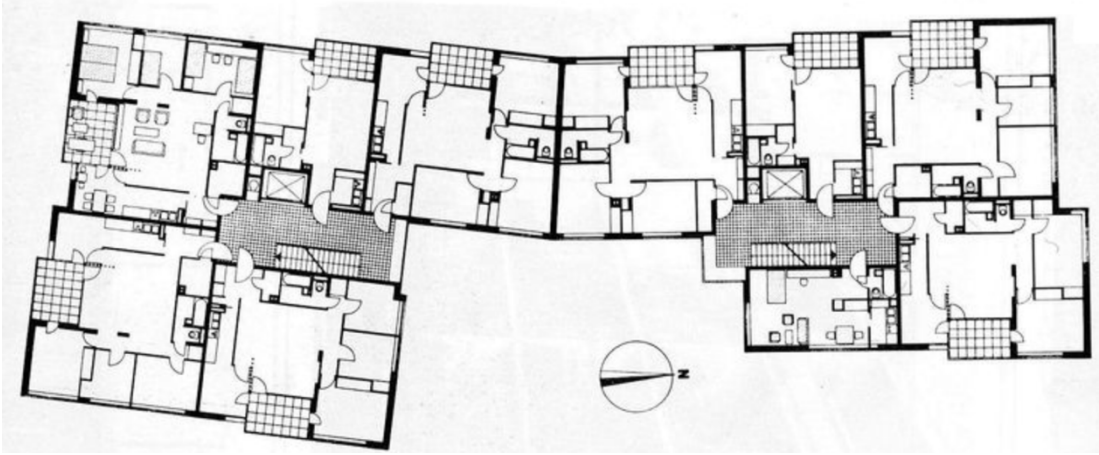
corpo do edifício´, comparável à praça da cidade.[9]

Mas as funções que anteriormente estavam associadas às grandes salas centrais foram sendo distribuídas por outros espaços e as necessidades de uma família de categoria relativamente alta fomentaram outras distribuições dos espaços domésticos, resultando na redução do espaço do Hall a um espaço simbólico, um ritual de passagem e um elemento de ligação das diferentes partes da casa. As funções do Hall tradicional foram desdobradas noutras salas de usos mais específicos: Hall cerimonial, *Salon/Great-Parlour/Drawing-Room, Dinning Room*, etc. A divisão designada *Salon/Great-Parlour/Drawing-Room,* absorveu toda a função de estar. E o Hall foi perdendo o seu significado primordial, tanto espacial como utilitário, nos edifícios da burguesia.

No entanto, a partir do século XIX, as habitações mais humildes conservavam a tipologia do Hall tradicional, exportando esses tipos para as primeiras casas americanas, que substituirão a palavra Hall por *Living Room*, que, de um certo ponto de vista, é um espaço que volta a reunir as funções entretanto dispersas por salas específicas, retomando o papel vital e simbólico que o Hall medieval desempenhava.
Esta retoma deve-se igualmente à mudança verificada nos interiores domésticos, onde passou a existir uma maior racionalidade na conceção dos espaços, com uma redução do número de compartimentos que compõem uma casa. Se antes havia uma variedade de salas destinadas a diferentes atividades, atualmente estes espaços deixaram de existir. A sala de estar passou, desta forma, a refletir progressivamente ao voltar a reunir o que antes se distribuiu por uma grande variedade de compartimentos.

Embora atualmente não se encontre frequentemente o espaço central que compunha física e simbolicamente o espaço doméstico, alguns arquitetos continuam a explorar este modo de compor casas. É esse o mote deste trabalho,

[9] Ibidem.



[Fig 8]: Salas de estar centrais, no edifício Bloco de apartamentos, Berlim, 1957. Alvar Aalto.
Fonte: http://hiddenarchitecture.net/hansaviertel-apartment-house



[Fig 9]: Vista para sala de estar central, do edifício Bloco de apartamentos, Berlim, 1957. Alvar Aalto. Fonte: http://hiddenarchitecture.net/hansaviertel-apartment-house/

com o objetivo de analisar interpretações mais recentes da implementação da sala de estar central. Soma-se a isso, o interesse preliminar na obra do arquiteto Alvar Aalto, nomeadamente o edifício Bloco de apartamentos, construído em 1957, no bairro de Hansaviertel em Berlim. A configuração do apartamento resulta da conceção de um salão central, consequência da sua profunda investigação sobre moradias unifamiliares. Esta conceção não só reflete a sua pesquisa sobre a organização espacial doméstica, como também se fundamenta num diálogo com a antiguidade clássica e com as tipologias de sala central renascentistas, conciliadas por influências estrangeiras.

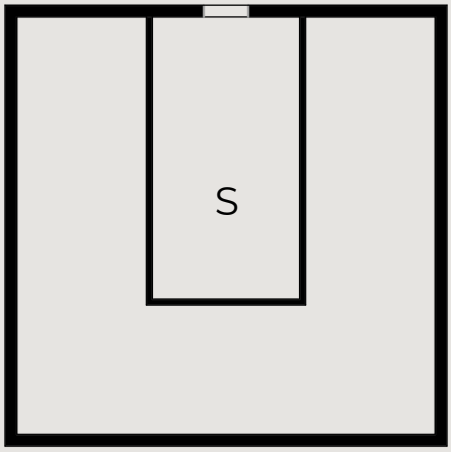
Estes apartamentos de Alvar Aalto caracterizam-se por uma sala de estar central, a partir da qual todos os outros espaços se organizam. Verifica-se uma certa preocupação em garantir a privacidade dos quartos e, portanto, essa transição entre a sala de estar e os quartos é demarcada por um segundo momento que funciona como um corredor discreto, evitando a exposição direta para a área social. Constatou-se igualmente, uma tentativa de separação e, ao mesmo tempo, de conexão, das áreas mais públicas da casa, através da implementação de uma divisória fixa que estabelece uma separação entre a sala de estar e a cozinha. Desta forma, é mantida uma ligação indireta com a cozinha que, por sua vez, continua a ter ligação direta com a sala de jantar. Percebe-se, com isto, uma tentativa de isolar discretamente o espaço da sala de estar dos restantes compartimentos com o intuito de preservar a sua privacidade e autonomia, mas sem que esta deixe de dominar a totalidade da casa, conectando-se ainda uma ampla varanda que cria uma expressiva continuidade entre interior e exterior, procurando também dessa forma, evocar características da casa unifamiliar.

3. Sala de Estar Central: Temas de Desenho

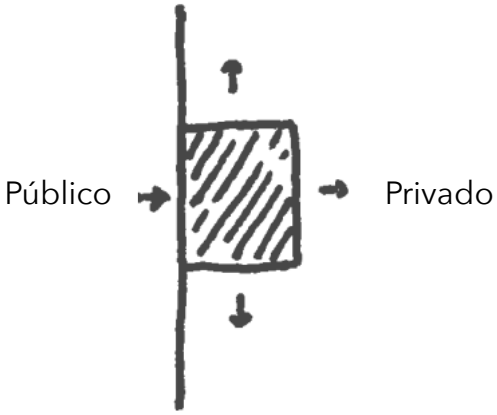
Os casos de estudo selecionados – apartamentos de edifícios de habitação plurifamiliar – encontram-se inseridos de modo estratégico em cinco categorias – temas de desenho – relativas ao desenho da respectiva sala de estar central. A abordagem teórico-prática foi efetuada através da leitura comparativa de diferentes projetos que introduzem várias hipóteses e particularidades de desenho da sala de estar central e organização dos outros espaços domésticos. Uma certa raridade de apartamentos com sala de estar central, levou a uma estratégia de forte consideração dos temas de desenho, e, conscientemente, não foi dado destaque particular a qualquer ordem cronológica ou geográfica. Ao longo da leitura do trabalho, será possível compreender que a legibilidade de algumas plantas é facilitada pela representação do mobiliário, enquanto noutras essa representação se encontra ausente dos desenhos originais, não tendo sido acrescentada, o que pode resultar em diferenças de observação e estudo mais ou menos significativas. Da mesma forma, considera-se pertinente mencionar que não é intenção avaliar os projetos como contendo soluções certas ou erradas, mas antes demonstrar diferentes modos de destreza no tratamento dos temas de desenho, que originam formas distintas e oportunidades variadas para a apropriação do espaço doméstico.

Por outro lado, será perceptível em alguns casos a integração do mobiliário da sala de jantar no mesmo espaço da sala de estar, resultando na criação de um ambiente único. Considerando a multifuncionalidade inerente a uma sala de estar, nesses casos, a sala de jantar é, por conseguinte, parte integrante dessa multifuncionalidade. Além disso, dada a multiplicidade de funções desempenhadas pela sala de jantar – mesa de família para refeições diárias, local de receção e celebração ocasional, espaço de trabalho[10], etc. – quando se mantém conectada com a sala de estar, pode e deve ser considerada como um espaço de estar, justificando, desta forma, a aplicação do termo "sala de estar".

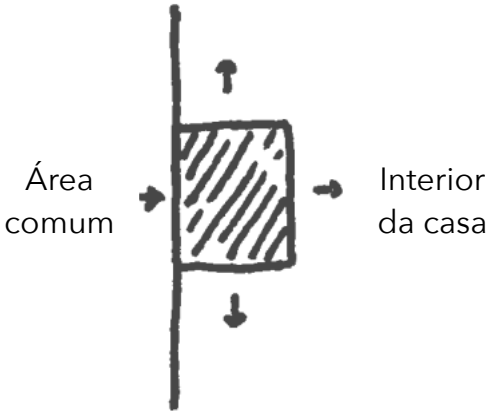
[10] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 85.



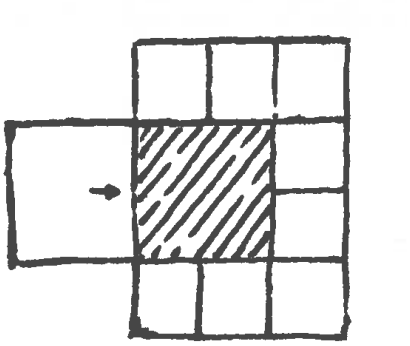
3.S1. Sala de Estar central como espaço de entrada



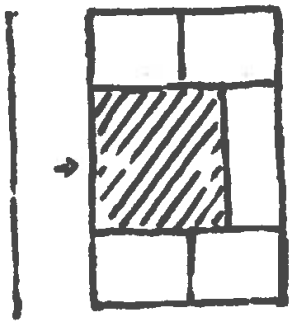
[Fig 10]: Transição entre o público e o privado com a sala de estar como espaço de entrada. Fonte: Desenho feito pela autora.



[Fig 11]: Transição entre a área comum e o interior da casa, com a sala de estar como o espaço de entrada. Fonte: Desenho feito pela autora.



[Fig 12]: Ilustração de uma planta renascentista, com o salão aberto para o pátio. Fonte: Desenho feito pela autora.



[Fig 13]: Ilustração de uma planta de habitação plurifamiliar, com a sala de estar voltada para a área comum do edifício. Fonte: Desenho feito pela autora.

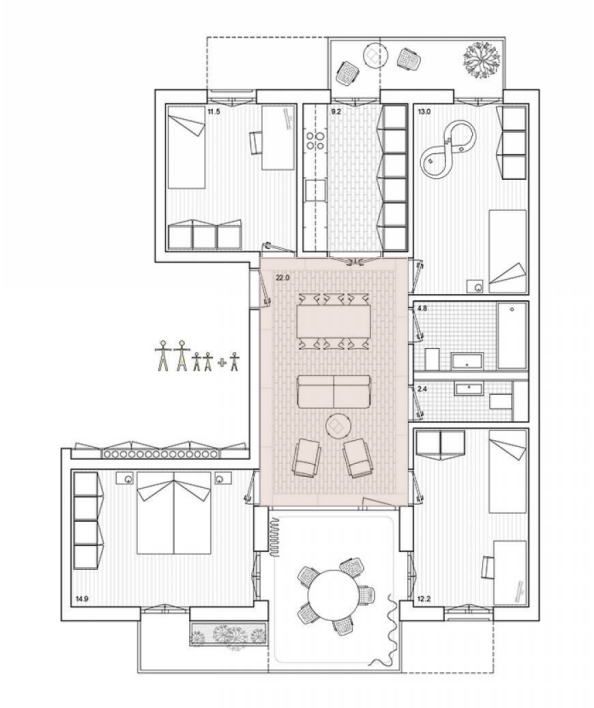
a) A sala na transição entre o público e o privado

Em qualquer tipo de edifício, há necessidade de transição entre cenários que apresentam diferentes níveis de intimidade, desde o mais público ao mais privado. Christopher Alexander classifica a sala de estar como sendo um dos ambientes menos privados, considerando sempre a sua localização, de tal maneira que todos que entram na casa passem por ela espontaneamente e o mesmo quando se sai: *"Mais importante ainda, deve estar no caminho entre a entrada e os quartos privados, para que sempre se passe por ela ao sair ou entrar (...)"*[11]. É dentro desta perspetiva que o autor estabelece uma sequência de organização dos espaços da casa, tendo em conta a transição do exterior para o interior: *"numa casa: entrada para o terreno, varanda externa, entrada para a casa, sala de estar, áreas comuns e cozinha, quartos"*.[12] Acrescenta ainda que numa casa mais elegante, a sequência poderia começar com algo como a sala peruana, que é uma sala de estar para convidados. No mesmo sentido, Jorge Miguel define as funções habitacionais em "estar, "serviço" e "dormir", e enfatiza que *"o estar sociabiliza-se no interior da residência, sempre posicionado na área frontal da casa, assumindo a função de relacionamento com o espaço público."*[13]

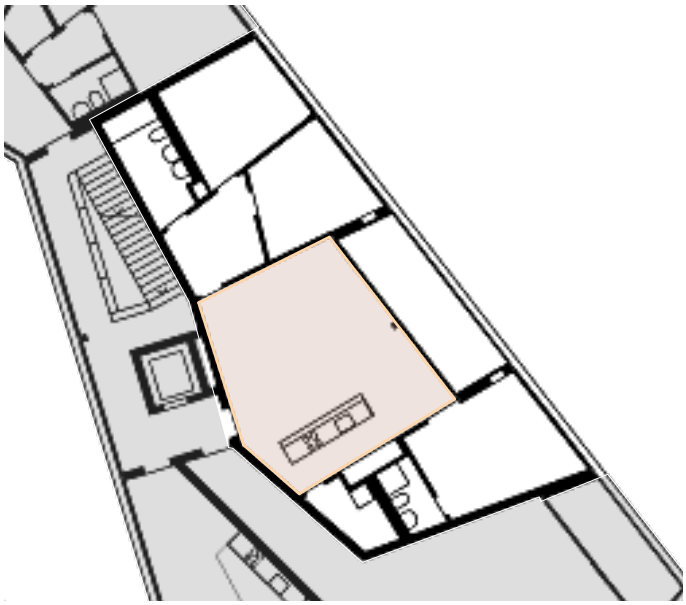
No caso da habitação plurifamiliar, esta transição do espaço público para o espaço privado ocorre, na maioria dos casos, nos espaços comuns do edifício, onde se estabelecem as relações entre vizinhos. Esses espaços coletivos são de extrema importância, uma vez que, tal como se observava em plantas renascentistas onde o salão principal se abria para pátios internos ou logradouros comuns, assim se dá continuidade a um princípio de aproximação gradual ao centro do espaço doméstico. Deste modo, a sala de estar como espaço de entrada na casa, é o último limite de invasão do espaço público no espaço privado. Porém, estas salas centrais que acumulam a função de entrada carregam de certa forma, alguma tensão, porque ao abrir a porta de entrada quem está do

---

[11] ALEXANDER, C: *A pattern language / Un lenguaje de patrones*. Gustavo Gili, Barcelona, 1980, p. 551.
[12] Ibidem. p. 552.
[13] MIGUEL, J.M.C: *A Casa*. Eduel, São Paulo, 2003, p. 198.



[Fig 14]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Leutschenbach, Zurique, 2016. Atelier Igual&Guggenheim.
Fonte: https://www.igualguggenheim.ch/projekte/projekt3038



[Fig 15]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Voltamitte Housing, Basileia, 2016. Atelier Christ & Gantenbein.
Fonte: https://www.christgantenbein.com/projects/voltamitte-housing-basel



[Fig 16]: Vista a partir da sala de estar central, no edifício Leutschenbach, Zurique, 2016. Atelier Igual&Guggenheim.
Fonte: https://www.igualguggenheim.ch/projekte/projekt3038

lado de fora tem de imediato acesso visual ao interior da casa, podendo mesmo ver outros compartimentos para lá da sala.

No concurso para Leutschenbach no ano de 2016, em Zurique, o atelier Igual & Guggenheim explora este conceito de transição entre o público e o privado, materializando-o de forma clara, no sentido em que, a sala de estar, localizada tanto no centro quanto no limite, atua como espaço intermédio entre a casa e o espaço coletivo do edifício. Esta sala apresenta uma boa capacidade de acolhimento, tanto para os próprios habitantes da casa, como para os visitantes, mas em contrapartida, expõe-se de forma direta ao olhar dos vizinhos. Todavia, este contacto com o exterior da casa pode ser atenuado pela posição da porta de entrada num extremo do comprimento da sala, permitindo que grande parte deste espaço central não seja visível do exterior. Embora, devido à sua centralidade e ligação direta com todos os outros compartimentos da casa, seja possível vislumbrar alguns deles quando todas as portas se encontram abertas.

O mesmo não acontece num dos apartamentos do edifício Voltamitte Housing, projetado pelos arquitetos Emanuel Christ e Christoph Gantenbein no ano de 2005 em Basileia onde, embora o espaço da sala seja visualmente acessível a partir da porta de entrada, os espaços mais íntimos nunca são visíveis, verificando-se assim, um resultado diferente provocado pelo posicionamento da porta de entrada. Neste caso, apesar da sala apresentar uma ligação direta com outros compartimentos, o acesso à zona mais privada vê-se resguardado, representando desta maneira, um modo de conceber o espaço que garante a privacidade dos habitantes. Assim, ao estabelecer-se como o primeiro espaço do ambiente privado, a sala representa a casa perante o exterior, contudo, essa abertura não se deixa ultrapassar para o universo privado da família.



[Fig 17]: Apartamento com sala de estar central, Zurique, 2018. Atelier Baumberger & Stegmeier.
Fonte: https://www.espazium.ch/de/aktuelles/stiftung-pwg-witikon-baumberger-stegmeier

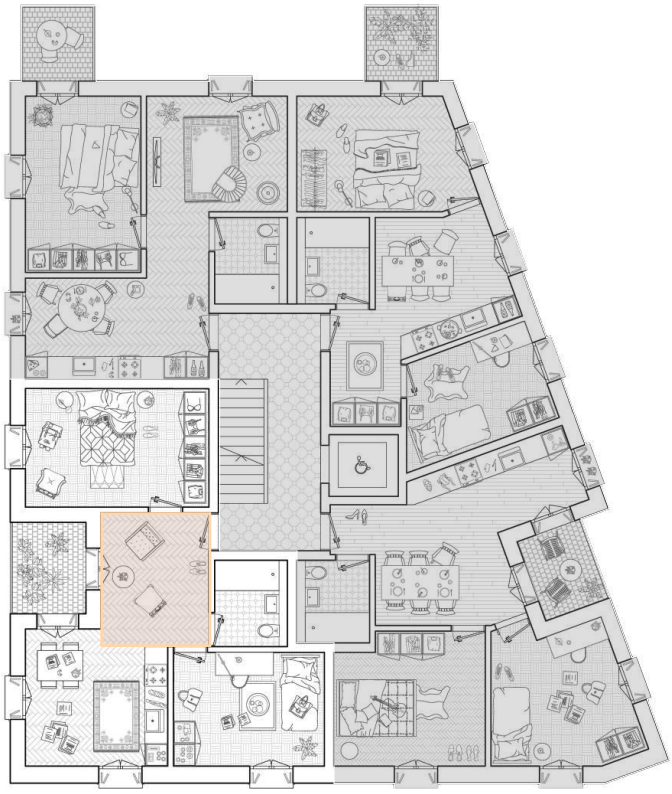
b) Quando a sala é antecâmara

Tradicionalmente, uma antecâmara desempenha os papéis de mediação entre público e privado. Nesta abordagem, a sala central assume também esse papel de antecâmara. É o primeiro espaço de contacto com a habitação que se configura como espaço intermédio entre exterior coletivo e interior privado. Além disso, é o primeiro espaço que se antevê a partir da entrada, sendo também a partir dele que se filtram os acessos, se organizam os movimentos e se relacionam os diferentes compartimentos da casa. Por se tratar de um dos ambientes domésticos mais expostos, a sala constitui o espaço privilegiado, no qual os habitantes têm a oportunidade de expressar os seus gostos, e projetar a sua identidade através da decoração. Nesse sentido, a sala como espaço de entrada é o ambiente a partir do qual *"os visitantes constroem as suas primeiras impressões da casa"*[14]. E, a sua localização frontal evidencia este caráter representativo, uma vez que, o visitante, ao entrar não atravessa qualquer outro espaço de transição ou preparação, sendo desde logo introduzido neste ambiente. Deste modo, o impacto da sala é direto e imediato, funcionando como a primeira manifestação visível da vida doméstica, numa atitude de caráter exibicionista.[15]

Um exemplo que descreve esta disposição espacial é o projeto desenvolvido pelo atelier de arquitetura Baumberger & Stegmeier, no ano de 2018 em Zurique. A planta representa a configuração de um apartamento de dimensões generosas, aberto a três frentes, o que lhe permite a conceção de um desenho de planta central em torno do núcleo da sala. Este centro coincide com a entrada da casa, que transforma a sala de estar num grande átrio, assumido o papel de antecâmara. No entanto, ao contrário da antecâmara tradicional, que preserva a neutralidade e a expectativa do que vem a seguir, a sala aqui, já se apresenta carregada de usos quotidianos. Contudo, apesar da sala se assumir como o centro distribuidor para a maioria dos compartimentos da habitação, nem todos se relacionam com ela da mesma maneira. Três deles, – dois quartos e uma casa de banho – parecem preservar alguma autonomia, numa estratégia que,

---

[14] PHILLIPS, Barty: *Minumum Space Maximum Living*. Sterling Publishing, Nova Iorque, 2007, p. 54.
[15] MIGUEL, J.M.C: *A Casa*. Eduel, São Paulo, 2003, p. 203.



[Fig 18]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Grubenacker, Zurique, 2025. Ateliê Igual&Guggenheim. Fonte: https://www.igualguggenheim.ch/projekte/projekt5049

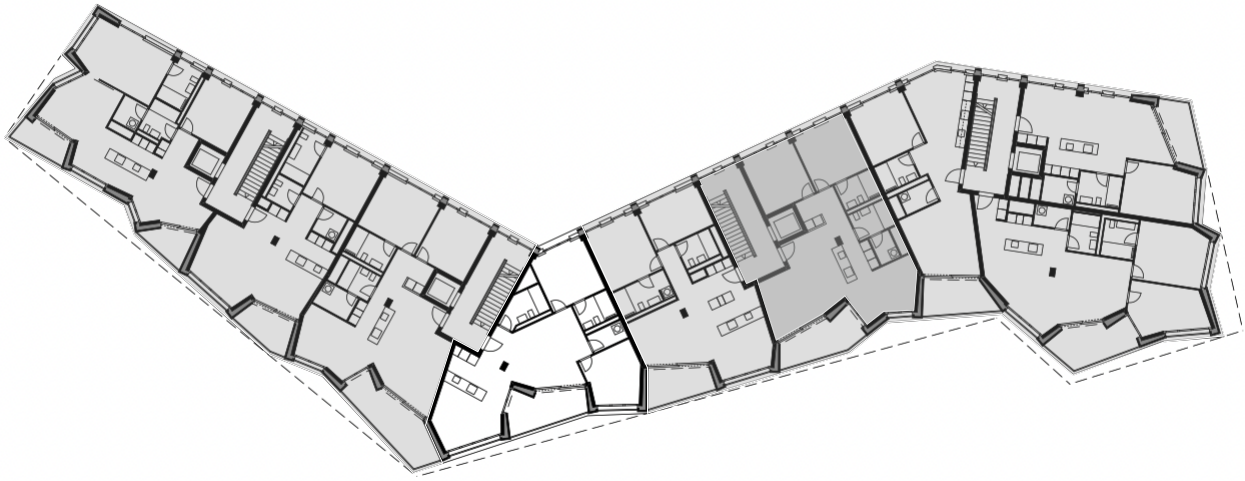
intencionalmente ou não, é discreta e gera uma tensão interessante ao sustentar um pequeno gesto de resguardo.

Numa outra perspetiva, quando se trata de aproveitamento do espaço, Lívia Tirone e Ken Nunes defendem a completa eliminação dos átrios de entrada, isto porque *"em apartamentos, os halls de entrada não fazem qualquer sentido, porque o próprio espaço exterior ao apartamento já é um espaço interior no edifício (...)"*[16], revertendo esta área e função para a sala de estar: *"É na sala de estar que todos os metros quadrados que possamos incorporar são importantes e valorizam, todos os dias e em todos os momentos de convívio, o bem-estar dos habitantes."*[17] Considerando que o hall seja predominantemente um espaço de circulação e de permanência mínima, esta lógica privilegia a valorização da área social do apartamento, ao promover uma maior ampliação do espaço e, consequentemente um aumento do conforto e da versatilidade.

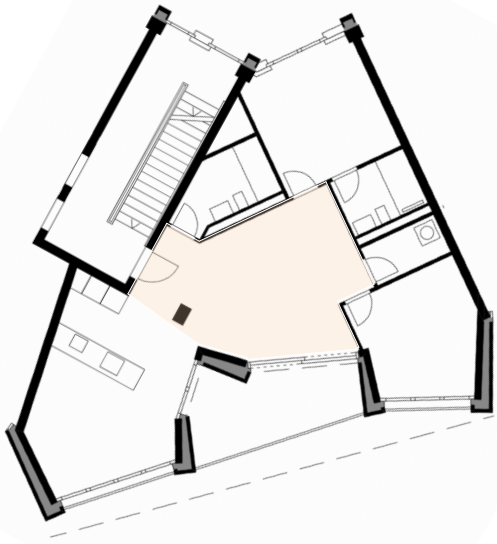
No caso do apartamento inserido no edifício Grubenacker, novamente projetado por Igual&Guggenheim em Abril de 2025, em Zurique, todos os compartimentos convergem para o espaço central da sala de estar. Esta, ao absorver as funções de espaço de entrada da casa, permite uma relação mais forte com tudo o que acontece na casa a cada momento. Contudo, as suas dimensões reduzidas quase contidas, condicionam tudo o que acontece à sua volta, na medida em que a sala, pode acabar por funcionar mais como um núcleo distribuidor do que como um local de permanência. Por um lado, esta estratégia de desenho pode ser interpretada como uma expressão de abertura, mas por outro, é simultaneamente um desafio ao nível da gestão da intimidade. Trata-se, portanto, de uma opção arquitetónica que representa uma redefinição das relações entre a sociabilidade, intimidade e circulação, resultando numa experiência habitacional dotada de uma certa elegância.

---

[16] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken. Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável. Lisboa, 2010, p. 76.
[17] Ibidem.



[Fig 19]: Edifício City West Areal A, Zurique, 2009. Meili & Peter. Fonte: https://www.meilipeterpartner.ch/assets/projects/city-west-areal-zuerich/093-City-West-Areal-Zuerich_Web.pdf



[Fig 20]: Apartamento com sala de estar central, no edifício City West A, Zurique, 2009. Meili & Peter. Fonte: https://www.meilipeterpartner.ch/assets/projects/city-west-areal-zuerich/093-City-West-Areal-Zuerich_Web.pdf



[Fig 21]: Vista a partir da sala de estar central, do edifício City West A, Zurique, 2009. Meili & Peter. Fonte: https://www.meilipeterpartner.ch/assets/projects/city-west-areal-zuerich/093-City-West-Areal-Zuerich_Web.pdf

c) Entre chegada e permanência na sala

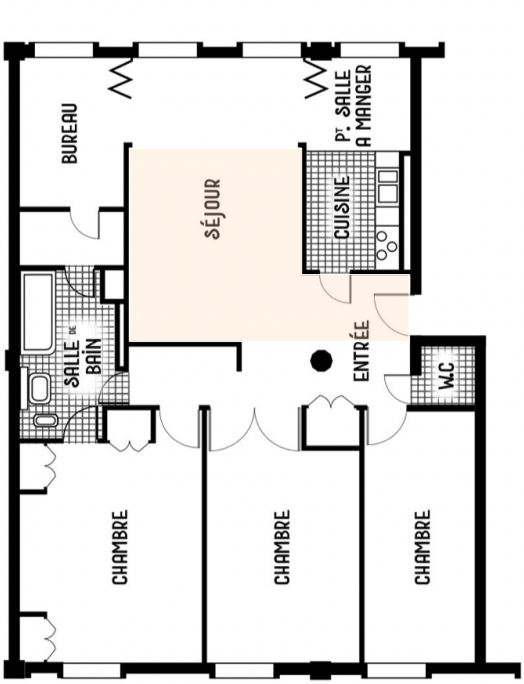
Se o ato de entrar na casa simboliza um gesto de passagem pela fronteira entre a confusão do exterior e o silêncio e relaxamento interior, nestes casos, a sala transforma-se no local de transição habitável, onde o momento de chegada coincide com o de permanência, evitando etapas que geralmente se processam através de vestíbulos e corredores. Alguns autores sugerem que estes momentos de entrada para os apartamentos, estejam posicionados no centro das plantas, pois *"permitem conexões o mais curtas possíveis entre todas as partes do apartamento."*[18] Na mesma linha de pensamento, outros consideram que *"relacionamentos ideais são alcançados ligando a entrada à sala de estar"*[19]. Estas perspetivas contrastam com certos modelos arquitetónicos em que a sala se encontra posicionada num ponto extremo e afastado da zona de entrada, o que implicaria um processo de chegada e permanência mais demorado e mediado.

Nos casos aqui apresentados, a porta abre-se diretamente para a sala de estar, ou seja, o habitante é colocado diretamente no centro da vida doméstica, sem qualquer preparação ou filtro, permitindo que, ao entrar na casa, tenha o privilégio de permanecer de imediato no principal espaço de estar. Este cruzamento entre a chegada e a permanência atribui à sala um caráter híbrido onde, por um lado, se afirma como um espaço de acolhimento que recebe e abriga, mas por outro, revela desde o primeiro instante a essência da vida doméstica. O ato de entrar transforma-se imediatamente numa experiência do habitar, promovendo uma maior e mais intensa utilização da sala.

Ao analisar o apartamento inserido no edifício City West A, projetado em 2009 por Meili & Peter, em Zurique, percebe-se a tentativa de criar um pequeno átrio inicial, porém devido à ausência de elementos de separação, este dissolve-se diretamente na sala de estar central, criando um momento de entrada que simultaneamente ordena toda a organização da casa. A sala funciona assim como

---

[18] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 55.
[19] Ibidem.



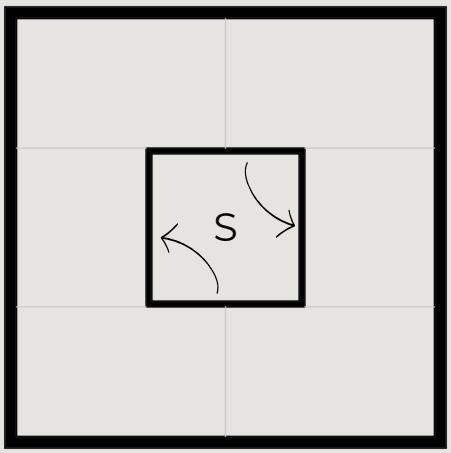
[Fig 22]: Apartamento com sala de estar central, no edifício “Modelo Perret”, Le Havre, 1946. Auguste Perret. Fonte: https://www.flickr.com/photos/96449074@N06/15586232635/in/photostream/



[Fig 23]: Vista para a sala de estar central do edifício “Modelo Perret”, Le Havre, 1946. August Perret. Fonte: https://lehavre.fr/annuaire-equipements/appartement-temoin-perret#gallery_10054-4

protagonista pela sua ambiguidade, na medida em que a sua localização no limite interior da habitação, permite a chegada e a permanência ao mesmo tempo, funcionando como um ponto de encontro imediato relacionado com o espaço exterior da habitação. Esta lógica pode revelar-se eficaz em determinadas circunstâncias, como quando se recebem visitas. Nesse sentido, a chegada e a permanência do visitante são direcionadas para a sala de estar, de maneira discreta e pouco intrusiva, pois a organização espacial estabelece uma delimitação clara entre as áreas públicas e privadas da casa. Adicionalmente, a configuração irregular da planta permite isolar significativamente a cozinha e os quartos, ainda que todos sejam acessíveis a partir da sala central.

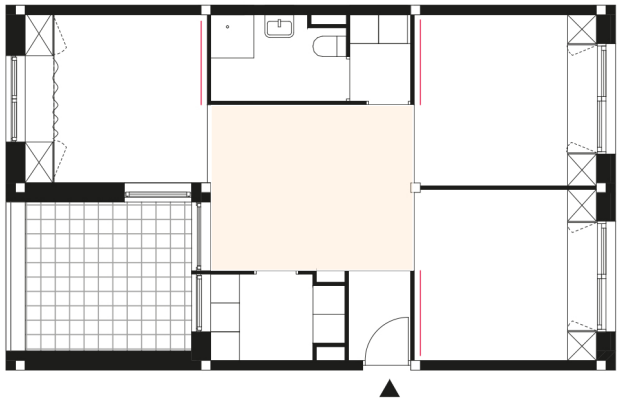
Ao olhar para o exemplo a seguir, é possível identificar semelhanças com o caso anterior devido à presença do pilar que procura estabelecer uma separação e hierarquia discretas entre a entrada e a sala de estar central. Trata-se do apartamento projetado pelo arquiteto Auguste Perret, em Le Havre, no ano de 1946. No entanto, ao analisar a sua configuração, percebe-se que também não existe um espaço de entrada demasiado definido, sendo o acesso direccionado para a sala de estar, embora esse fluxo seja mediado pela presença do espaço encerrado da cozinha, localizado junto à entrada. A sala funciona aqui como um ambiente de permanência que acolhe instantaneamente quem chega. Todavia, por si só, esta sala central não é a única responsável pela distribuição direta para os outros compartimentos da casa; existindo uma maior quantidade e densidade de percursos e relações entre os diversos espaços domésticos. É precisamente nesta convergência entre o acesso direto e a mediação mínima que a permanência nesta sala de estar central se torna mais tranquila e resguardada, mantendo ainda assim o protagonismo enquanto espaço de acolhimento.



3.S2. Sala de Estar central como ponto de circulação



[Fig 24]: Edifício Unidades Experimentais, Dijon, 2018. Sophie Delhay. Fonte: https://www.archdaily.com/929995/unite-s-experimental-housing-sophie-delhay-architecture



[Fig 25]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Unidades Experimentais, Dijon, 2018. Sophie Delhay. Fonte: https://www.archdaily.com/929995/unite-s-experimental-housing-sophie-delhay-architecture



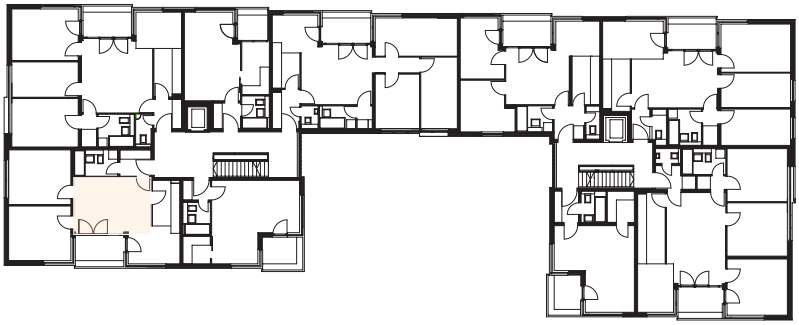
[Fig 26]: Vista a partir da varanda do edifício Unidades Experimentais, Dijon, 2018. Sophie Delhay. Fonte: https://www.archdaily.com/929995/unite-s-experimental-housing-sophie-delhay-architecture

a) Quando o caminho atravessa o estar

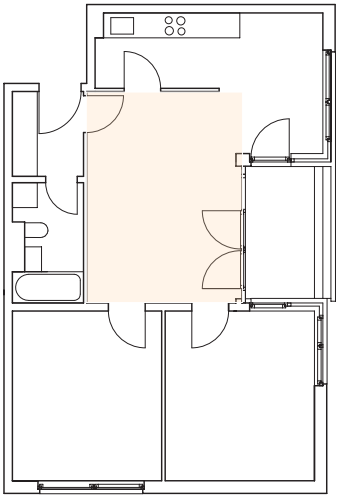
Após a análise da primeira situação onde foi observado o momento de entrada na casa através do espaço da sala de estar central, esta categoria elege também este ambiente como o principal espaço de circulação na casa, situação que, muitas vezes ocorre devido à necessidade de maximização da área habitável. Deste modo, a sala central configura-se rigorosamente como um núcleo organizador, com os demais ambientes dispostos à sua volta, uma configuração que permite que todos os fluxos da casa passem obrigatoriamente pelo centro, o que fortalece aspetos como comunicação, controlo visual e acessibilidade. Lívia Tirone e Ken Nunes argumentam que *"... se em casa é importante que o diálogo e a interação humana tenham sempre as melhores condições para se desenvolverem, é importante eliminar todas as barreiras à comunicação e fazer com que os espaços partilhados pela família estimulem a interação."* [20] Nesse sentido, é evidente que esta lógica se aplica à posição central da sala como espaço de circulação, ou seja, todas as deslocações ocorrem através dela. Não se chega, nem se sai, sem a mediação da sala, que assim se comporta não apenas como um cenário de encontros programados, mas também de encontros ocasionais resultantes da sobreposição de percursos.

Como exemplo desta potencialidade, considera-se o projeto de habitação social elaborado pela arquiteta Sophie Delhay, no ano de 2018, em Dijon, onde a ausência de espaços de circulação no interior dos apartamentos condicionada pela contenção de área útil, se tornou uma importante peculiaridade do projeto. Trata-se de uma organização espacial densa e muito condensada, onde todos os espaços da casa são acedidos a partir de uma pequena sala central. Essa sala assume a função de um corredor, porém, um corredor alargado, no qual é possível permanecer. A sua centralidade é fortalecida não apenas pela posição geométrica, mas também pela capacidade de garantir uma acessibilidade generosa e homogénea às outras divisões através de aberturas de 1,20m. Ou seja, quando todas as portas de correr se abrem, a pequena sala parece agregar to-

[20] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken. "Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável". Lisboa, 2010, pág. 80.



[Fig 27]: Edifício Theresienhohe, Munique, 2004. Hildunk K. e Tilmann Rohnke. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_16_039/



[Fig 28]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Theresienhohe, Munique, 2004. Hildunk K. e Tilmann Rohnke. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_16_039/

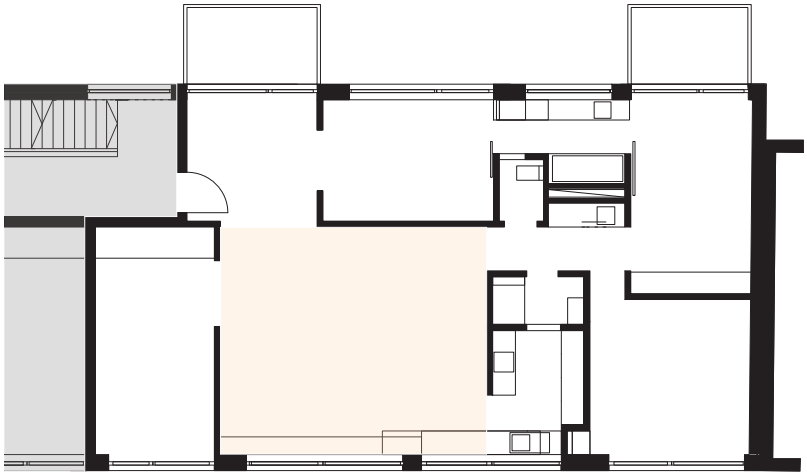


[Fig 29]: Vista a partir da sala de estar central, do edifício Theresienhohe, Munique, 2004. Hildunk K. e Tilmann Rohnke. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_16_039/

da a casa, criando uma condição de visibilidade cruzada e uma perceção contínua de todos os espaços domésticos, o que permite obter uma sensação de grande amplitude apesar da pequena dimensão do conjunto. Ainda assim, as dimensões mínimas sobretudo neste apartamento, podem gerar uma dificuldade na posição do mobiliário que pode interferir no fluxo dos movimentos.

Outro exemplo cujo projeto foi inspirado no edifício de apartamentos de Alvar Aalto em Berlim e que dispõe das mesmas características que o caso anterior, é o complexo habitacional Theresienhohe, projetado pelos arquitetos Hildunk K e Tilmann Rohnke no ano de 2004, em Munique, onde foi estabelecido o mêsmo conceito de uma sala de estar central, sem qualquer espaço intermediário destinado exclusivamente à circulação, exceto a entrada. O caráter desta sala, também como um corredor alargado, transforma-a no ponto de passagem obrigatório para se alcançar qualquer outro compartimento, estabelecendo-a como um nó distributivo, a partir do qual toda a casa é visível. Desta maneira, todos os compartimentos são igualmente acessíveis na medida em que se reduz a hierarquia tradicional entre espaços mais ou menos privados. Porém existe o risco desta sala se tornar num espaço saturado, e nessa condição alguns dos seus habituais usos domésticos podem ter de ser transferidos para outros compartimentos.

Em ambos os casos verifica-se um tipo de comunicação interna concentrada, podendo os percursos serem efetuados em qualquer direção. Desta forma, pode ser criada uma sensação de continuidade e liberdade, mas ao mesmo tempo, estas configurações podem apresentar dificuldades relativas à privacidade tanto dos quartos como da própria sala, que pelo movimento constante fácilmente perdem qualquer sentido de ambiente de refúgio. Contudo, esta situação nem sempre se revela um problema, dependendo do tipo e da dimensão do agregado familiar.



[Fig 30]: Apartamento com sala de estar central, no edifício RiffRaff, Zurique, 2002. Meili & Peter. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_16_041/



[Fig 31]: Vista a partir sala de estar central, do edifício RiffRaff, Zurique, 2002. Meili & Peter. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_16_041/

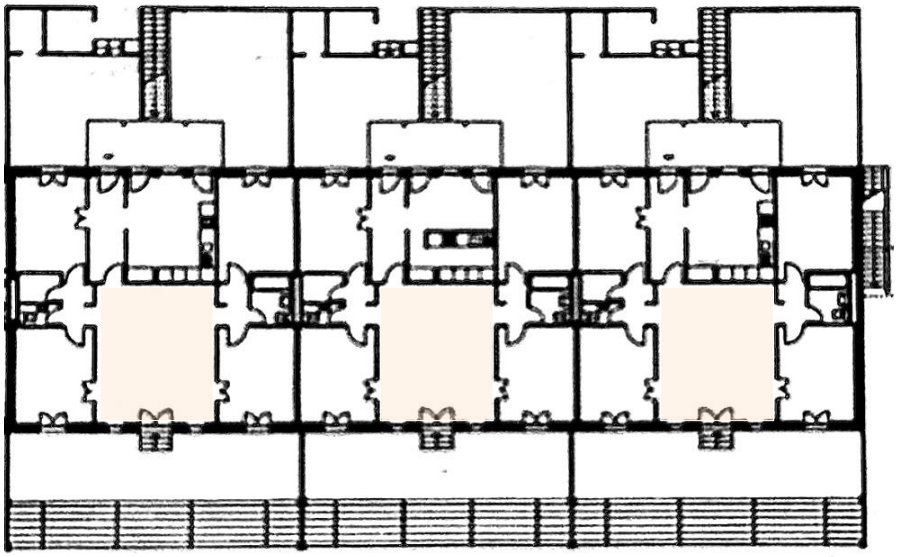
b) Caminhos alternativos à sala central

Diferentemente da primeira situação mencionada, em que todos os compartimentos são acedidos exclusivamente através da sala de estar central, neste caso nem sempre sucede de igual forma. Embora os restantes ambientes da casa se organizem em torno do núcleo da sala central, muitos deles não são acedidos diretamente a partir dela. Neste caso, existem vias alternativas, que possibilitam o acesso a determinados espaços sem a necessidade de passar pela sala. Nesse sentido, a existência de vias alternativas numa casa é importante, uma vez que diferentes atividades podem ocorrer em simultâneo com menor interferência, minimizando o ruído, as interrupções e potenciais conflitos familiares, criando ao mesmo tempo uma perceção de maior liberdade e de maior autonomia espacial. *"É essencial que cada um se sinta livre para fazer conexões ou não, se mover ou não, falar ou não (...). Se o ambiente físico inibir e reduzir a liberdade de atuação, impedirá de fazer o que se acha melhor para estar à vontade (...)."*[21]

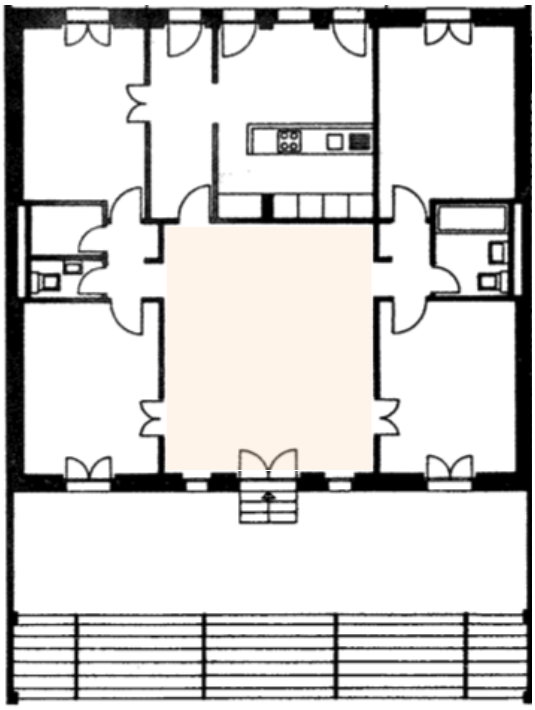
No caso do apartamento inserido no edifício RiffRaff, projetado em 2002 por Meili & Peter, em Zurique, a sala central deixa de ser o único meio de articulação, em prol da autonomia de alguns compartimentos. A entrada na casa é feita a partir de um grande vestíbulo, o qual oferece uma grande abertura para a sala e para um compartimento que, através de uma casa de banho estabelece uma conexão em sequência para os outros espaços domésticos, permitindo aos habitantes caminhos alternativos sem a necessidade de atravessar a sala. Esta configuração possibilita a comunicação entre alguns quartos de forma independente, contribuindo para a preservação da posição de destaque da sala enquanto espaço de estar. Além disso, esses mesmos quartos não dispõem de acessos diretos para a sala, sendo estes feitos através de um pequeno corredor localizado na tangente do espaço da sala. Desta forma, o visitante ao entrar na casa, não tem acesso imediato a uma parte da zona mais íntima da casa, ao mesmo tempo que o contacto entre os habitantes se torna opcional.

---

[21] ALEXANDER, C: *A pattern language / Un lenguaje de patrones*. Gustavo Gili, Barcelona, 1980, p. 558.



[Fig 32]: Edifício Im Buel, Zurique, 1988. Dolf Schnebli e Tobias Ammann. Fonte: https://architecturesuisse.ch/de/as/091/grand-ensemble-dhabitation-im-buel/



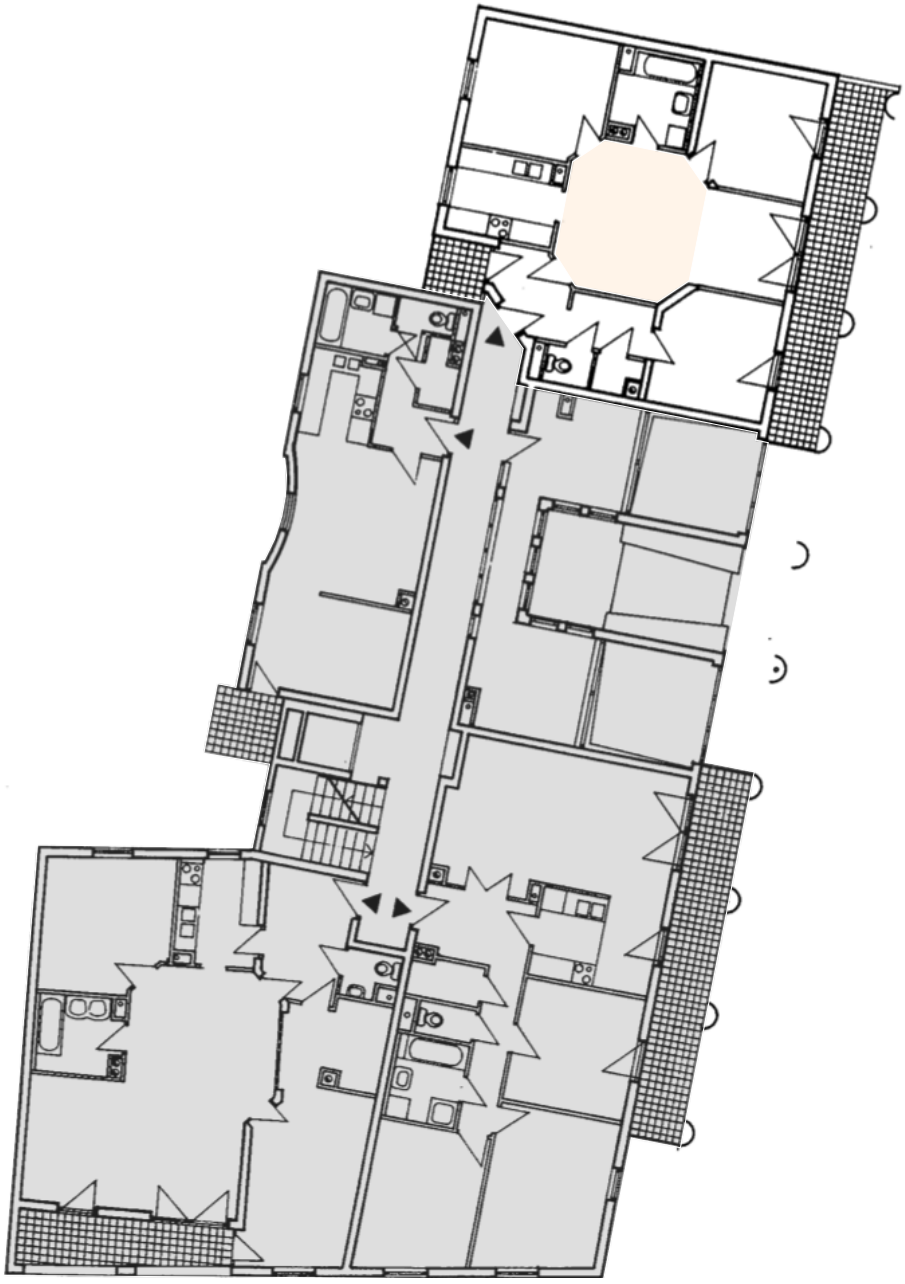
[Fig 33]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Im Buel, Zurique, 1988. Dolf Schnebli e Tobias Ammann. Fonte: https://architecturesuisse.ch/de/as/091/grand-ensemble-dhabitation-im-buel/

Falando de espaços tangenciais, Christopher Alexander salienta que, *"a única situação de equilíbrio é aquela em que o caminho utilizado diariamente passa tangente às áreas comuns e se abre para elas ao passar"*[22]. Isto é, embora as pessoas passem constantemente por esse espaço, não são forçadas a parar e podem continuar o seu caminho sem nenhuma interrupção. Desta forma, ainda que não exista um espaço exclusivamente dedicado à circulação, o fluxo na sala ocorre naturalmente: *"o compartimento deve ser posicionado na casa de forma que as pessoas passem por ele naturalmente ao entrar e sair."*[23]

Nesse contexto, propõe-se a análise dos apartamentos inseridos num dos edifícios do complexo habitacional "Im Buel", projetado por Dolf Schnebli e Tobias Ammann, concluído no ano de 1988, em Zurique, onde a distribuição dos compartimentos ocorre de maneira quase simétrica, com a sala de estar a ocupar a zona central da planta. É possível perceber que os acessos principais à zona de entrada e às zonas privadas estão localizados nas tangentes do espaço da sala de estar, possibilitando uma área de circulação desimpedida, e mesmo que dois dos compartimentos disponham de acessos secundários através da sala, estes não comprometem a fluidez dos percursos. De acordo com Ricardo Agarez, reconhece-se a validade de dar acesso aos quartos a partir da sala. Contudo, em tais circunstâncias, deve ser acrescentada uma porção de área suplementar ao espaço da sala que compense esse desempenho, de modo a que não se agrave a sua exiguidade ou se comprometa o seu conforto.[24] No caso deste apartamento, dada a dimensão considerável da sala, o mobiliário pode ser ajustado de modo a que a circulação na sala não interfira na zona de estar, evitando congestionamentos e permitindo assim que uma parte mais contida da sala de estar funcione como zona de circulação.

---

[22] ALEXANDER, C: *Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.* Gustavo Gili, Barcelona, 1980, p. 552.
[23] ALEXANDER, Christopher: *Houses Generated by Patterns*. California, 1969, p. 141.
[24] AGAREZ, Ricardo Costa. *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009, p.90.



[Fig 34]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Muthsamggasse, Viena, 1989. Anton Schweighofer. Fonte: SCHNEIDER, Friederike; *Atlas de plantas: vivendas.* Barcelona, Gustavo Gili, 2002. p. 48.

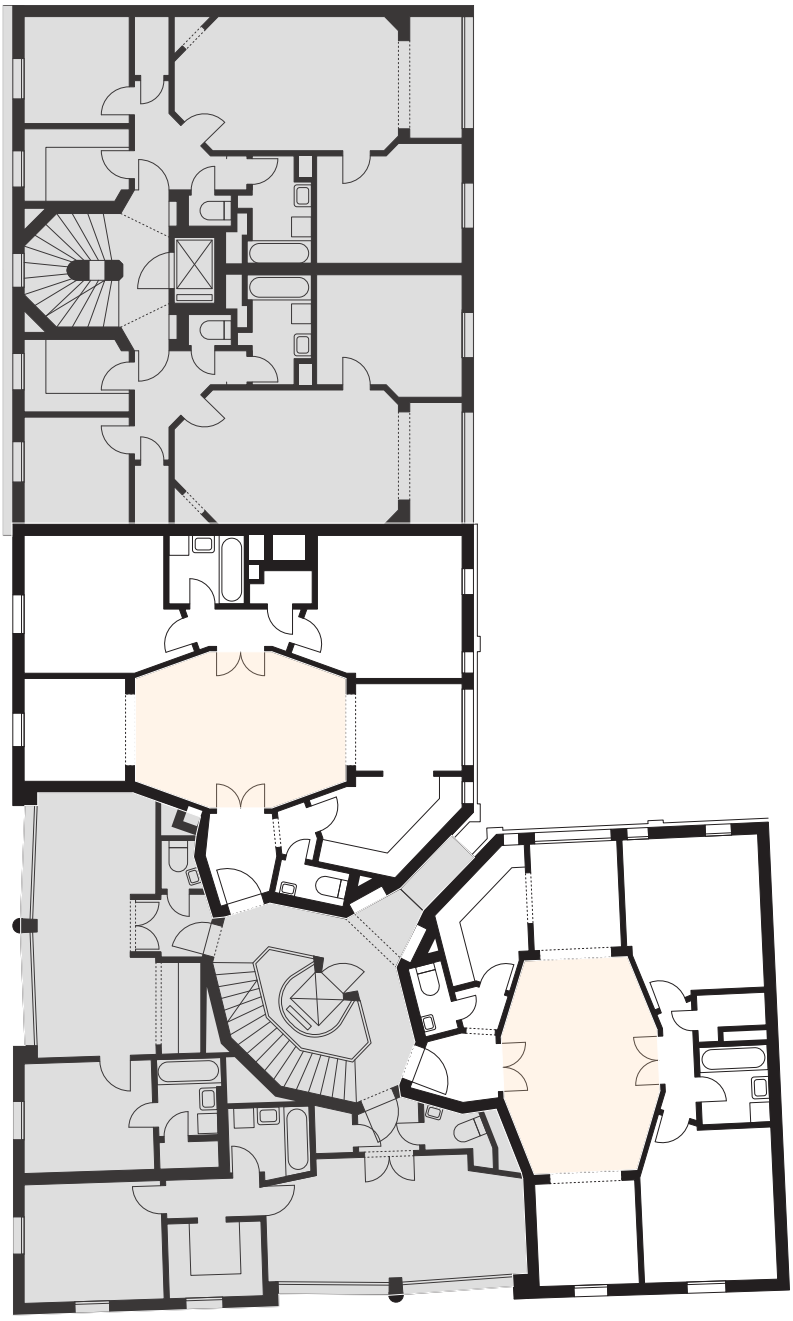
c) A exposição inevitável

Em determinadas circunstâncias, a condição da centralidade da sala, sobretudo se esta se apresentar como o principal ponto de circulação na casa, pode modificar a sua função original de espaço de estar, resultando numa sobreposição de usos capaz de interferir nas formas de habitar o espaço doméstico. Esta situação implica que, quem está na sala pode constantemente ser interrompido pelo fluxo contínuo de pessoas, o que pode afetar a natureza da permanência, tornando-a menos tranquila. Nestes casos, *"o caminho de circulação atravessa a área comum (...)"* e consequentemente o *"(...) seu espaço fica muito exposto e não é confortável parar ou sentar-se"*[25], pois assim, os habitantes ficam sujeitos a uma constante exposição, tanto por parte dos outros habitantes, como de eventuais visitantes. Robin Evans problematiza este tipo de configuração espacial, no sentido em que todos os movimentos entre os habitantes teriam de *"(...) se cruzar como trilhos num pátio (...)"*[26]. Deste modo, aquilo que para uns representa o centro da vida doméstica, para outros pode-se transformar num cenário de vulnerabilidade.

O edifício Muthsamggasse, projetado em Viena, no ano de 1989 por Anton Schweighofer, assim como vários outros abordados neste trabalho, expressam precisamente este critério. A sala central é caracterizada por um espaço amplo que se estende até à fachada, o que por um lado, lhe confere uma dimensão generosa, capaz de acolher diferentes formas de uso, mas por outro, a transforma num filtro de transição direto entre as áreas comuns e privadas da habitação. A exposição inevitável neste caso, dá-se pelo facto de que o percurso entre dois dos quartos e a casa de banho, implicam uma passagem obrigatória pela sala de estar, o que tem como consequência que os ocupantes dos quartos fiquem totalmente expostos a um espaço de convívio comum em momentos de utilização mais íntima. O habitante é obrigado a ver e a ser visto.

---

[25] ALEXANDER, C: *Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.* Gustavo Gili, Barcelona, 1980, p. 552.
[26] EVANS, Robin: *"Translations from drawing to building and other essays".* Architectural Association, 1997, p. 85.

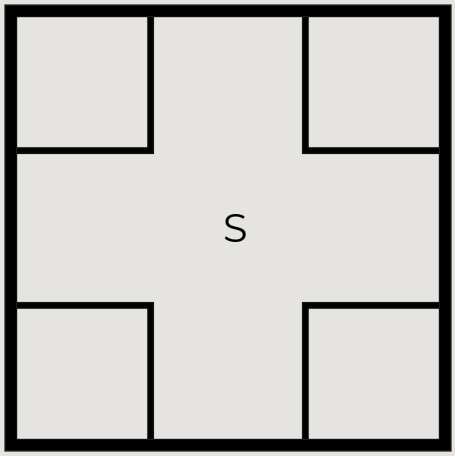


[Fig 35]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Schrankenberggasse, Viena, 1986. Rob Krier. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_14_035/

Contrastando com a situação anterior, a configuração ideal de um projeto doméstico de acordo com Robin Evans, seria aquela em que a viagem entre o quarto e a casa de banho seria tratada com um cuidado especial e isolada de todas as outras rotas.[27] A título de ilustração deste argumento, considera-se o edifício de apartamentos Schrankenbergasse de Rob Krier, nomeadamente o módulo do gaveto, desenvolvido no ano de 1986, também em Viena. As salas de estar centrais dos apartamentos maiores, possuem a forma de um octógono que percorre o eixo transversal do edifício, possuindo três câmaras que se estendem da rua até o pátio. Ao analisar o desenho da planta, percebe-se que também foram colocadas duas portas de duas folhas, simétricas, no eixo longitudinal que conectam a sala de um lado ao átrio de entrada, do outro a um corredor responsável pela distribuição dos quartos e das casas de banho. No entanto, esta área privada da casa não se encontra diretamente exposta à sala. Outro aspeto que se encontra associado à exposição, mas na perspetiva de Rob Krier, é o facto de que, em virtude da sua forma e posição, esta sala adquire um caráter representativo onde se torna visível a identidade doméstica, o que lhe confere uma disposição propícia a acolher visitas e, nesse sentido lhe atribui uma autoridade singular.

Quando não é devidamente considerada, a exposição na sala central pode originar um desconforto contínuo, pelo facto da vida íntima estar constantemente sujeita ao olhar dos outros. Um visitante que chegue num momento inoportuno, pode interromper uma rotina estabelecida. Ao contrário de configurações em que o habitante pode circular ou permanecer na casa de forma invisível, nos casos de exposição direta não há possibilidade de proteger a privacidade sem que esta afete a esfera social. Com o tempo, a situação pode tornar-se incómoda, por transformar a sala num local de vigilância constante.

[27] Ibidem.



3.S3. Sala de Estar central aberta



[Fig 36]: Vista a partir da sala de estar integrada, do edifício Charrette Zwatt, Zurique. Peter Markli. Fonte: https://studioblomen.com/Zwhatt-Areal

a) Segundo o princípio "Open Space"

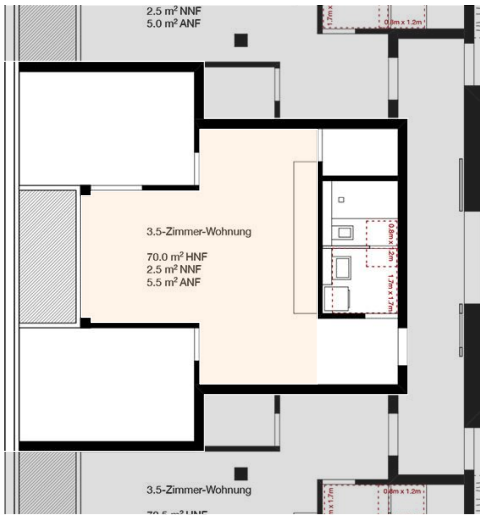
Nos exemplos analisados até aqui, não foi especificado um tipo de sala em particular, tendo sido analisado um conjunto de vários exemplos reunidos por apresentarem uma ou outra característica em comum. Para esta categoria, o foco da análise da sala central incidirá exclusivamente sobre configurações de plantas abertas, ou seja, organizadas segundo o princípio de "open space". Se a sala de estar tradicional se organizava num único espaço separado, que reforçava a individualidade das funções e usos domésticos, entretanto assistiu-se a uma dissolução dessa barreira devido à consolidação de outras formas de habitar. Essa tendência provém da necessidade de estabelecer uma estrutura ideal para satisfazer as necessidades humanas de forma eficaz e alcançar um maior conforto espacial na casa.[28] Nesse sentido, a sala, para além de assumir um papel central, configura-se também como um espaço integrador concebido para ir além da função de estar. Trata-se de um ambiente que, simultaneamente acolhe múltiplas atividades e se abre à fusão com outras áreas da casa, como a sala de jantar, a cozinha e, por vezes, a área de trabalho, criando um espaço mais amplo e flexível, para além de permitir uma maior fluidez.

"Considerando, portanto, que todos aqueles espaços que possam ser usufruídos como espaços de estar se tornam uma oportunidade a ganhar, é importante eliminarmos, pura e simplesmente, do desenho da habitação qualquer tipo de corredor ou de espaço de circulação, dotando cada espaço de uma função útil para o dia-a-dia."[29]

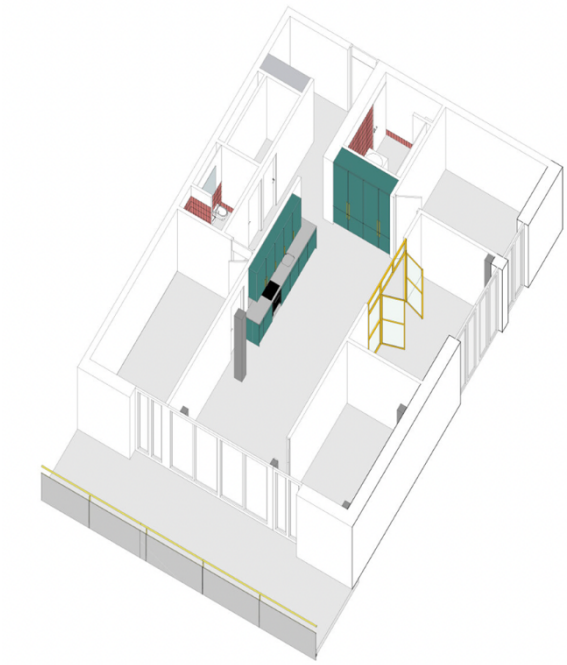
Assim, pelas suas funções complementares, a continuidade entre sala, sala de jantar e cozinha, tem ganhado protagonismo como núcleo de estar alargado. Além disso, a ausência das barreiras físicas favorece a continuidade visual e espacial, melhor iluminação e ventilação, mais partilha e convívio.

---

[28] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 111.
[29] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken: *"Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável"*. Lisboa, 2010, pág. 78.



[Fig 37]: Apartamento com sala de estar integrada, no edifício Charrette Zwatt, Zurique. Peter Markli. Fonte: https://afasiaarchzine.com/2018/11/peter-markli-10/peter-markli-charrette-zwhatt-regensdorf-afasia-14/



[Fig 38]: Vista axonométrica do apartamento do edifício Lysbuchelstrasse, Basielia, em construção. Atelier Studiodia. Fonte: https://studiodia.ch/projekte/lysbuechelstrasse-mixed-use-gebaeude-in-volta-nord-basel/

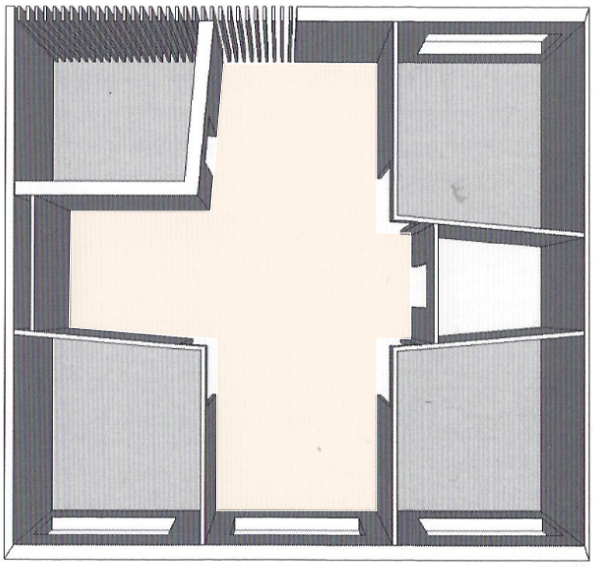


[Fig 39]: Apartamentos com salas de estar integradas, no edifício Lysbuchelstrasse, Basileia, em construção. Atelier Studiodia. Fonte: https://studiodia.ch/projekte/lysbuechelstrasse-mixed-use-gebaeude-in-volta-nord-basel/

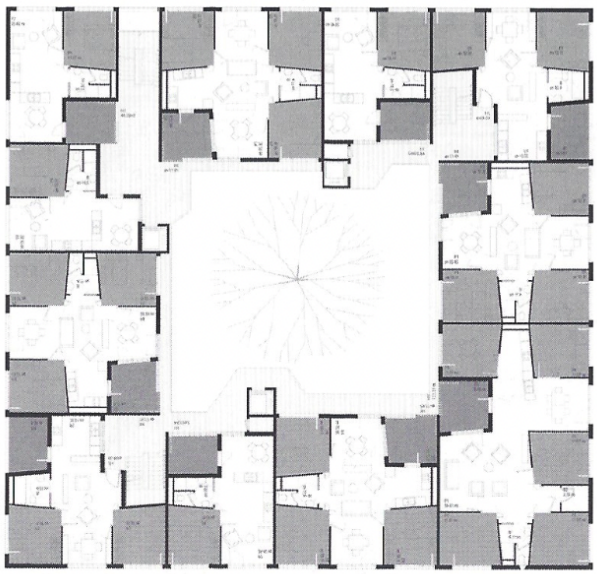
Este princípio pode ser observado no projeto em construção de habitação plurifamiliar Charrette Zwatt, desenvolvido em Zurique pelo arquiteto Peter Markli. A preferência pela centralidade e pelos "open spaces" é evidente na configuração das plantas de alguns apartamentos do conjunto. A casa apresenta uma configuração simétrica na qual sala de estar, sala de jantar e cozinha, juntas e situadas no centro, se estabelecem como o ponto de referência visual; uma vez que quem está no sofá, pode comunicar tranquilamente com quem está na cozinha ou sentado à mesa. Para além disso, a presença de uma barreira física a separar a zona de estar da área de preparação de refeições, comprometeria significativamente a entrada de luz e ventilação para essa área.

Por outro lado, o edifício Lysbuchelstrasse, em construção, elaborado pelo atelier Studiodia, em Basileia, possui um topo livre com dois apartamentos constituídos por uma sala central, ampla e alongada, que atravessa o centro da casa de uma ponta à outra. A composição é organizada de tal modo que, a maioria dos compartimentos disponham de acesso a partir da sala com cozinha integrada, o que pode provocar algum desconforto. Ademais, embora seja um modelo bastante difundido, uma das questões que se torna evidente nesta casa, é o facto da integração da cozinha se reduzir à implantação de um simples móvel no espaço da sala, convertendo-a num objeto mais do que num espaço. Dito isto, alguns autores chamam a atenção para a conceção deste tipo de configuração, descrevendo-a como uma exploração modernista, mas que eventualmente não deve ser um fim em si mesmo, pois a cozinha pode ser favoravelmente mantida separada da zona de estar, ainda que em comunicação com a mesma.[30] De igual modo, importa não esquecer a função primária e fundamental da sala de estar, pelo que é necessário ter em conta a sua preservação, pois a sobreposição de usos pode gerar incompatibilidades funcionais, sobretudo em situações de escassez de espaço.

[30] AGAREZ, Ricardo Costa. *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009, pág.90.



[Fig 40]: Vista em perspetiva do edifício Casa Cruz, Basileia, não construído. Xavier Monteys. Fonte: MONTEYS, Xavier; *La Habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili, 2014, p. 74.



[Fig 41]: Edifício Casa Cruz, Basileia, não construído. Xavier Monteys. Fonte: MONTEYS, Xavier; *La Habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili, 2014, p. 74.

b) Sensação de maior amplitude e perceção do espaço

No sentido pela busca da liberdade, Frank Lloyd Wright foi um dos arquitetos do século XX que *"trabalhou na eliminação da parede como parede, em função da abertura do espaço"* [31] nas salas das suas casas. Henry Hitchcock descreve essa abertura como *"sentimento de fluxo espacial"*. Já não se tratava apenas de permitir a passagem, mas de articular experiências visuais, sonoras, táteis e até emocionais. Por outro lado, a falta de comunicação que a escassez de tempo e o stress produzem entre os habitantes, podem ser superadas pela amplitude e integração dos espaços em que se convive em família. Deste modo, ao eliminar as barreiras à comunicação, são criadas condições mais favoráveis para os habitantes poderem passar mais tempo juntos.[32] Além disso, mediante a organização do mobiliário, a amplitude espacial proporcionada pela abertura dos espaços entre si, permite ainda criar ambientes diferentes no mesmo espaço, de modo a facilitar atividades distintas, mas simultâneas.

Esta experiência arquitetónica pode ser observada no desenho da Casa Cruz, proposto por Xavier Monteys em 2007, mas nunca construída. O desenho do apartamento tem características semelhantes ao de uma vila palladiana, repetido num edifício quadrado com um pátio central da mesma proporção.[33] O autor descreve o projeto como não tendo uma sala de estar, uma vez que não existe nenhuma hierarquia. Segundo o próprio, o foco esteve na posição dos quartos, resultando numa configuração de espaço central "sobrante" em formato de cruz, semelhante a um cenário de cruzamento de ruas, onde decorrem todas as restantes funções domésticas interligadas num único espaço. A ausência de paredes internas nesta sala central, cria a sensação de um ambiente maior e contínuo, porém dividido em zonas, o que estabelece condições

---

[31] LUCAN, Jacques: *Habiter.* Laussane, EPFL Press, 2021, p. 160.
[32] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken. *Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável*. Lisboa, 2010, p. 80
[33] MONTEYS, Xavier: La habitation: más allá de la sala de estar. Barcelona, Gustavo Gili, 2014, p. 72.



[Fig 42]: Edifício Im Gut, com salas de estar integradas, Zurique, 2012. Peter Markli. Fonte: https://afasiaarchzine.com/2017/04/peter-markli-5/



[Fig 43]: Vista para a sala de estar integrada, do edifício Im Gut, Zurique, 2012. Peter Markli. Fonte: https://afasiaarchzine.com/2017/04/peter-markli-5/



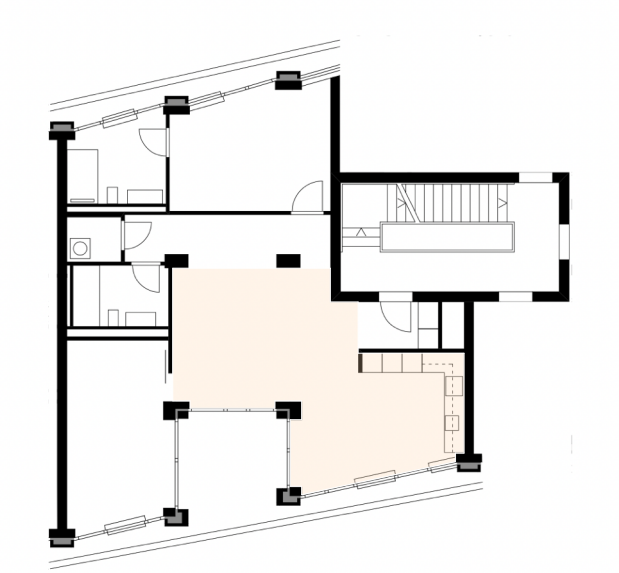
[Fig 44]: Vista a partir da sala de estar integrada, do edifício Im Gut, Zurique, 2012. Peter Markli. Fonte: https://afasiaarchzine.com/2017/04/peter-markli-5/

necessárias para diferentes intensidades e modos de uso. [34] Estando no centro da casa, tem-se uma sensação de perspetiva para todos os lados, inclusive, para dentro dos quartos quando as portas de canto se encontram abertas. Ou seja, a partir da sala central, é possível ter uma noção de amplitude geral da casa, anulando assim a sensação de um compartimento contido. Além disso, esta sala proporciona uma sensação de se poder estar no mesmo local constantemente, sem que seja aborrecido, pois oferece a experiência de ocupar o mesmo espaço com a perceção de que se está em lugares diferentes.

Como defendem Lívia Tirone e Ken Nunes, a sala de estar "*como extensão da identidade coletiva da família*"[35], deve ser ampla o suficiente para permitir as diversas atividades do quotidiano. Nesse contexto, considera-se o edifício Im Gut projetado por Peter Markli no ano de 2012, em Zurique, para descrever estas sensações de amplitude. O edifício é composto por uma configuração de salas centrais estreitas, que percorrem todo o eixo transversal do edifício, permitindo a entrada de iluminação e ventilação natural pelas duas fachadas. Ao entrar no apartamento, o olhar do habitante percorre a sala central sem obstáculos, captando a profundidade de um lado e do outro de forma contínua. Ao contrário do caso anterior em que o espaço da sala se distribuía por zonas, este concentra-se num único plano, reforçando, desta forma, a sua amplitude, para além de permitir fluxos de circulação linear contínuos. Por um lado, a sua dimensão permite que diferentes atividades coexistam simultaneamente sem que uma anule a outra, reduzindo a probabilidade de conflitos e de sobreposição de usos no espaço. Mas por outro, a perda de autonomia de cada espaço, pode originar ruídos e tensões entre os habitantes potencialmente sobrecarregados por uma exposição constante.

---

[34] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 55.
[35] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken. *Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável*. Lisboa, 2010, p. 80.



[Fig 45]: Apartamento com sala de estar central, no edifício City West C, Zurique, 2009. Meili & Peter. Fonte: https://www.meilipeterpartner.ch/assets/projects/city-west-areal-zuerich/093-City-West-Areal-Zuerich_Web.pdf



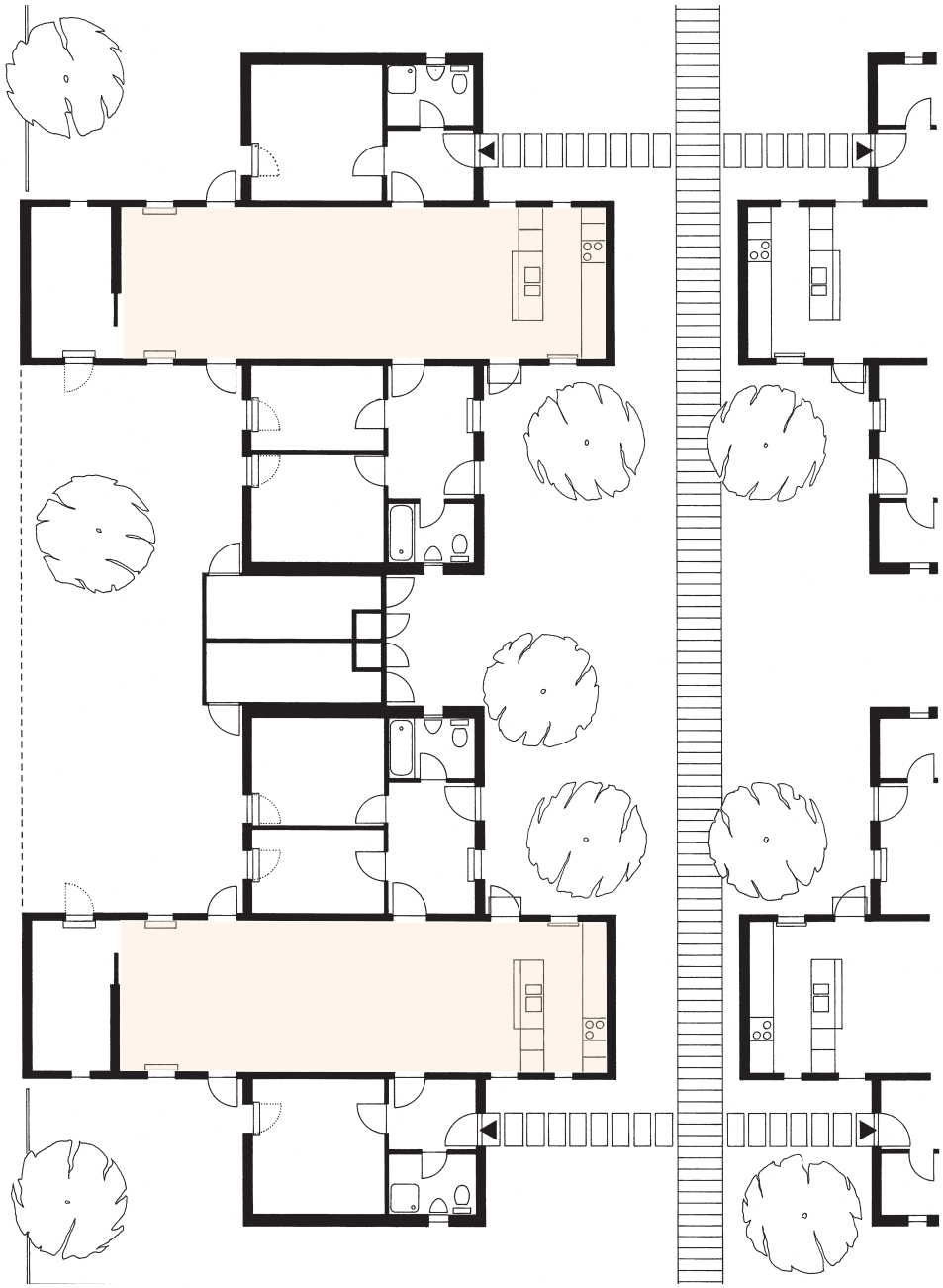
[Fig 46]: Vista a partir da sala de estar central, do edifício City West C, Zurique, 2009. Meili & Peter. Fonte: https://www.meilipeterpartner.ch/assets/projects/city-west-areal-zuerich/093-City-West-Areal-Zuerich_Web.pdf

c) A sala com vários núcleos

Em determinadas circunstâncias, as habitações plurifamiliares configuradas com plantas abertas levantam algumas questões relacionadas com a mistura e sobreposição de funções, como por exemplo, a exposição integral de uma grande parte da casa, ou a inexistência de um espaço reservado para receber visitas. No entanto, é possível controlar estas problemáticas de modo a que a organização dos apartamentos não comprometa a qualidade de vida dos habitantes. Uma solução pode ser encontrada na flexibilidade proporcionada pela espacialidade de algumas salas que concede uma liberdade para organizar o espaço através de variações do posicionamento do mobiliário, ou de elementos divisórios temporários que alteram a perceção e a utilização do conjunto. Outra solução que também pode ser aplicada em salas abertas é a implementação de pelo menos dois núcleos, ou seja, ter mais do que um espaço de concentração; pois dependendo do tipo de agregado familiar, ter um único centro pode originar conflitos, quer pela necessidade de privacidade decorrente de ritmos de vida distintos, quer por incompatibilidade entre diferentes gerações de habitantes e seus convidados.[36] Desta forma, organizar vários núcleos dentro do "open space" da sala central, cria condições necessárias para diferentes modos e intensidades de uso.

Relativamente a esta última hipótese, considera-se o apartamento inserido no edifício City West C, concluído em 2014, por Meili & Peter em Zurique, que apresenta uma configuração de planta aberta, com a sala de estar posicionada no centro da casa. A existência de uma área social ampla neste apartamento, subdividida em duas zonas distintas, possibilita a criação de dois pólos[37], o que permite a realização de diferentes atividades sem demasiada interferência mútua. O espaço central é o local com mais vocação para acolher a área de estar. Ao seu lado, um outro espaço articula sala de jantar e cozinha, que pode funcionar como um centro de reunião mais ligado às práticas quotidianas associadas

[36] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 33.
[37] Como já referido anteriormente, a cozinha e a sala de jantar também podem se estabelecer como zonas de permanência.

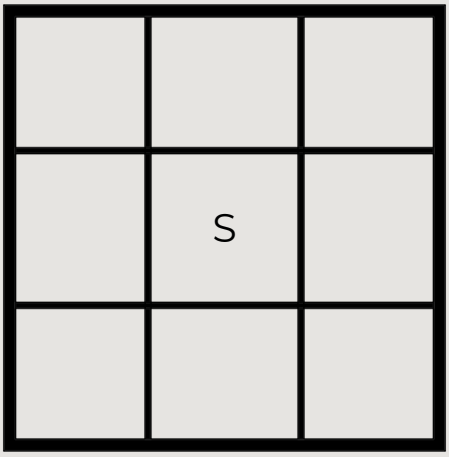


[Fig 47]: Apartamento com sala de estar central, no complexo Galgebakken, Herstederne, 1974. Storgard, Orum-Nielsen e Marcussen. Fonte: https://bdt.degruyter.com/entry/bdt_14_110/

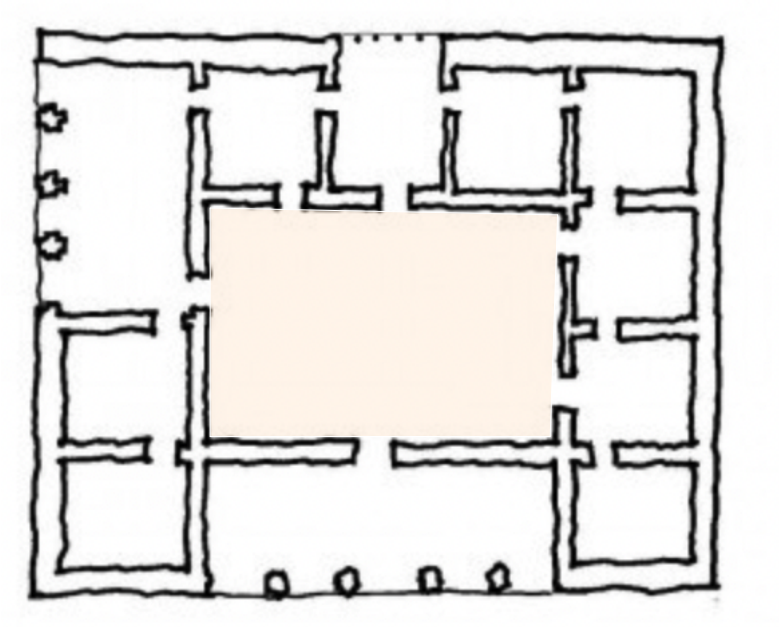
às refeições. Apesar de se estabelecerem na mesma área, estes dois núcleos acabam por apresentar uma lógica própria, atenuando as consequências da sobreposição que as plantas abertas normalmente manifestam.

Por outro lado, o complexo Galgebakken, concebido por Storgard, Orum-Nielsen e Marcussen, no ano de 1974 em Herstederne, possui um esquema baseado em plantas cruzadas com uma sala espaçosa ligada a cozinha, que constitui o centro social da habitação. A ausência de elementos de separação proporciona uma forte sensação de amplitude neste espaço. Contudo, considerando que a integração da cozinha no espaço da sala de estar pode gerar certos desconfortos em relação a odores e ruídos, neste caso a dimensão e profundidade da sala central permitem a implementação da cozinha num canto extremo, possibilitando que a área de estar seja colocada no outro extremo, de modo a promover um distanciamento e atenuar contrastes. Adicionalmente, existe a capacidade de implementação de vários pólos sequenciais, distanciando o pólo de estar dos restantes, com vista a preservar o ser caráter e proporcionar tranquilidade. A separação subtil entre os pólos será, no entanto, determinada pela disposição do mobiliário, e consequentemente pela organização dos fluxos. Desta forma, a casa não depende de um único centro social, oferecendo, em contrapartida, várias possibilidades de permanência no mesmo espaço.

Ambos os exemplos apresentam dimensões razoáveis no espaço da sala/cozinha. Mas a hipótese da fusão entre ambas é frequentemente utilizada em situações de constrangimento das áreas úteis dos apartamentos. No entanto, é nesses casos que se revelam maiores constrangimentos.



3.S4. Sala de Estar central fechada



[Fig 48]: Exemplo de uma organização em torno da sala de estar central, na Vila Rufina. Roma. Fonte: https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.129/3748



[Fig 49]: Apartamento com sala de estar central, Lindenstrasse. Joachim Ganz, Walter Rolfes. Fonte: SCHNEIDER, Friederike; *Atlas de plantas: vivendas.* Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

a) A sala fechada como reflexo das tradições

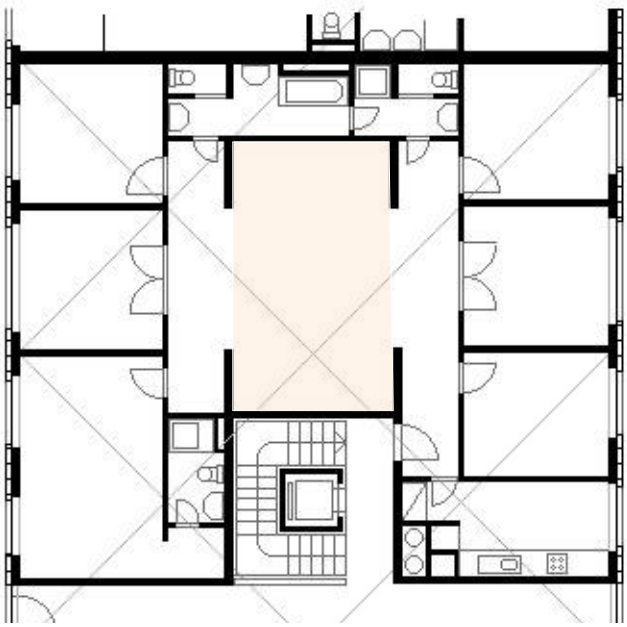
Apesar da popularização das plantas abertas, as plantas compartimentadas a ser uma opção frequente no desenho das habitações, por refletirem valores da sociedade que permanecem inabdicáveis para muitos. Um desses valores reside na preservação da formalidade do espaço da sala de estar, nestes casos reforçada pela posição central, e pela convicção da necessidade do seu isolamento em relação aos restantes compartimentos. Essa disposição da sala de estar no centro, em ambiente mais fechado, remete para uma herança formal e simbólica característica dos salões renascentistas, nos quais os espaços mais relevantes da casa eram posicionados no centro, protegidos por divisões periféricas, como vestíbulos, corredores, antecâmaras, quartos, etc., cujo acesso não era imediato, mas sim regulado por diversas camadas espaciais. A sala funcionava como um espaço de representação, onde receber e exibir eram funções predominantes. Tendo em conta esse aspecto, atualmente, famílias mais tradicionais, que ao longo dos anos carregam consigo um património expressivo de mobiliário e outros objetos de apropriação doméstica, tendem a valorizar soluções espaciais mais compartimentadas[38], privilegiando a separação do espaço da sala de estar. Esta lógica de organização, onde o uso dos espaços é estritamente definido por função e ocasião de modo a preservar deveres mais formais, aproxima-se ao conceito de *"domesticidade isolada"*[39] definido por Robin Evans.

O projeto de um edifício de apartamentos em Lindenstrasse, concebido pelos arquitetos Joachim Ganz e Walter Rolfes, baseia-se numa lógica clara de simetria diagonal e equilibrada, com uma forma irregular, na qual as unidades habitacionais apresentam uma área bastante generosa, sendo a sala de estar central o maior compartimento da casa. Com uma área de quase quatro vezes superior

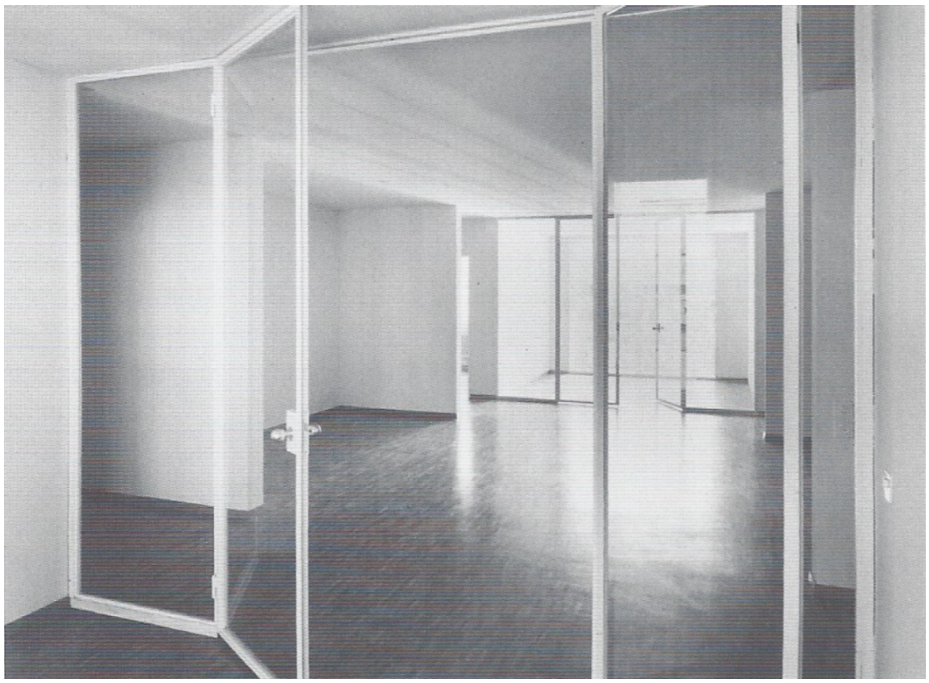
---

[38] COELHO, António B; *Opções de compartimentação na habitação*. Infohabitar. Lisboa, 2001, 779.

[39] EVANS, Robin: *"Translations from drawing to building and other essays"*. Architectural Association, 1997, p. 57.



[Fig 50]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Hammerstrasse, Zurique, 1981. Diener & Diener. Fonte: https://www.archinform.net/projekte/758



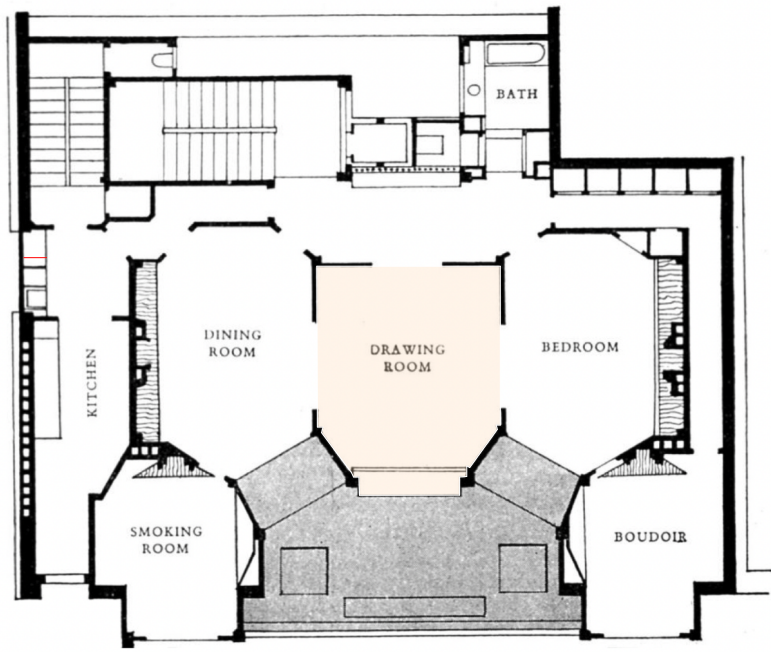
[Fig 51]: Vista a partir da sala de estar central, do edifício Hammerstrasse, Zurique, 1981. Diener & Diener. Fonte: AVIOLAT, Alexandre; *A L´intérieur: les espaces domestiques du logement collectif suisse.* 2016, p. 71.

à de um quarto, este espaço encontra-se completamente delimitado por paredes e não apresenta qualquer continuidade direta com outros espaços, o que reforça o seu caráter representativo. Embora esteja posicionada no centro da casa, esta sala não é totalmente acessível ou visível, mas cercada por paredes e portas que selecionam quem entra e por onde entra. O acesso aos restantes compartimentos circundantes faz-se de forma mediada, através de pequenos espaços intermédios a ela ligados, ou, em determinadas circunstâncias, através dos próprios compartimentos, reduzindo, deste modo, o seu funcionamento como espaço articulador da sala de estar central. Robin Evans descreve este tipo de sequência como *"uma matriz de câmaras discretas, mas completamente interconectadas"*[40]. Assim sendo, esta configuração reflete uma cultura de contenção e de separação, reforçando noções de privacidade controlada e sustentada pela construção de uma atmosfera onde a intimidade é mediada.

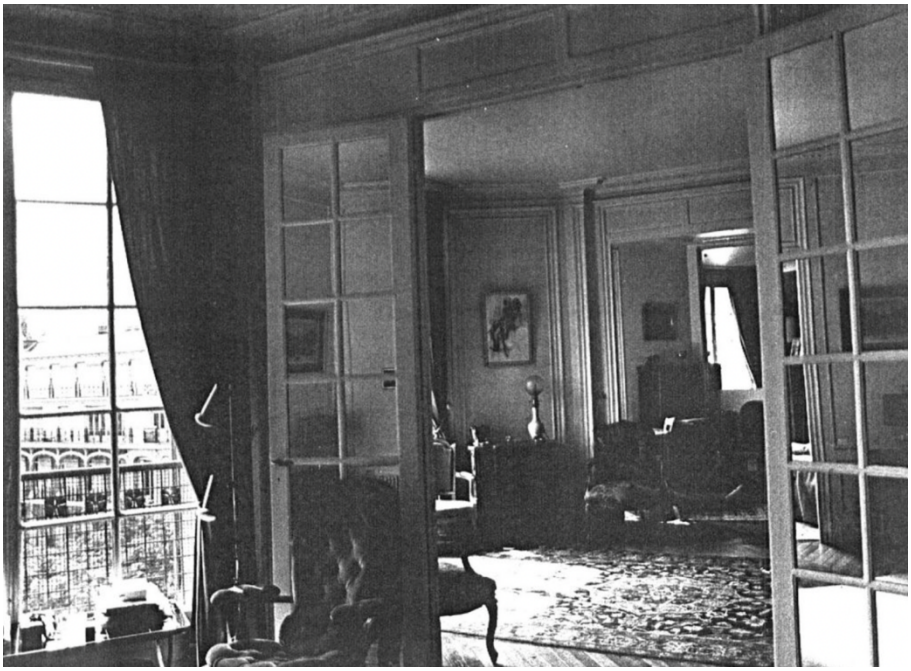
Num panorama distinto do anterior, embora igualmente alusivo, de certa forma, às tradições, o apartamento Hammerstrasse, concebido pelo atelier Diener & Diener, na cidade de Basileia, em 1981, apresenta também uma configuração simétrica, que enfatiza o espaço da sala de estar central. Este espaço é cercado por paredes interrompidas por duas aberturas laterais opostas entre si que permitem, para além da entrada de luz, uma continuidade visual com os outros compartimentos da casa. Estas duas aberturas não encerráveis conduzem a dois corredores paralelos que funcionam como o principal acesso aos restantes espaços da habitação, impedindo ao mesmo tempo, que os fluxos ocorram diretamente no espaço da sala de estar, reforçando deste modo a sua privacidade e autonomia. Tal como no exemplo anterior, a sala em questão não é imediatamente acessível, mas mediada por corredores, observando-se, assim, a persistência da ideia de que o espaço central é reservado e protegido.

---

[40]EVANS, Robin: *"Translations from drawing to building and other essays".* Architectural Association, 1997, pág. 64.



[Fig 52]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Rue Franklin, Paris, 1904. Auguste Perret. Fonte: https://hiddenarchitecture.net/rue-franklin-apartments/



[Fig 53]: Vista para sala de estar central, do edifício Rue Franklin, Paris, 1904. Auguste Perret. Fonte: https://hiddenarchitecture.net/rue-franklin-apartments/

b) Separação dos usos

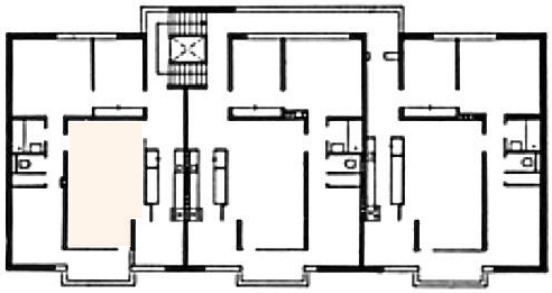
Embora as diretrizes atuais da habitação contemporânea tendam para soluções de organização do espaço doméstico mais abertas, dando prioridade a aspetos como flexibilidade e adaptabilidade, ainda assim *"há que acautelar as necessidades em espaços próprios para atividades muito exigentes em sossego e relativa independência (...)"*[41]. Nesse sentido, o conceito de uma sala de estar fechada adquire relevância, uma vez que consagra a sua função como espaço de resguardo, onde a concentração, o descanso ou a receção podem ocorrer sem a constante permeabilidade característica dos espaços abertos. Aqui, a centralidade da sala não se traduz em fluidez, mas em autonomia volumétrica, que, para além de definir a sua forma, filtra o acesso, revelando desta forma, um controlo espacial que interfere diretamente na experiência de circulação e na hierarquia das funções e dos usos. Segundo Vitor Figueiredo, a casa deve oferecer espaços que *"permitam a comunicação ou isolamento, o trabalho caseiro, as refeições, o recolhimento, o estudo, o recreio, a vigilância, a recepção, a relação com o exterior."*[42] Nesse sentido, defendia uma planta compartimentada de forma relativamente homogénea, com uma organização que apostava em compartimentos encerrados ou encerráveis. Deste modo, ao individualizar as funções e atividades da sala de estar no seu respetivo espaço, pode-se atribuir-lhe uma identidade e atmosfera próprias.

Observa-se o apartamento do edifício Rue Franklin, projetado pelo arquiteto August Perret, na cidade de Paris, em 1904. Este edifício constitui em exemplo notável de conceção espacial que reflete a tradição burguesa francesa, através da organização compartimentada que separa rigidamente todas as funções domésticas. Neste tipo de solução constata-se um isolamento do espaço da sala de estar em relação à sua envolvente e, embora interconectada com os outros espaços, os vãos das aberturas podem ser encerráveis, proporcionando a quem necessita de um espaço para a prática de atividades mais individuais,

---

[41] COELHO, António B; "Opções de compartimentação na habitação". Infohabitar. Lisboa, 2001, 779.

[42] FIGUEIREDO, Vítor; Projetos e obras de habitação social, 1960-1979. Porto, Circo de ideias, p. 22.



[Fig 54]: Edifício Garthestrasse 18, Colónia, 1957. O. M. Ungers. Fonte: http://www.omungers.de/files/uaa_2015/inhalte/Publikationen/PUB_21_pdf



[Fig 55]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Garthestrasse 18, Colónia, 1957. O.M. Ungers. Fonte: SCHNEIDER, Friederike; *Atlas de plantas: vivendas.* Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

uma certa tranquilidade e privacidade em determinados momentos. Para além disso, o esquema de circulação da casa é organizado todo em torno da sala, de modo a impedir a ocorrência de fluxos que lhe sejam internos. A sala deixa de ser um lugar de passagem para se tornar um destino por si só, qualificando, desta forma, o seu espaço.

Situado na cidade de Colónia, o apartamento Garthestrasse 18, concebido em 1957 pelo atelier O.M. Ungers, apresenta uma organização em torno da sala de estar central, isolada dos restantes compartimentos. Embora com uma configuração notavelmente distinta do caso anterior, esta sala acolhe apenas as suas funções principais, pois a organização espacial da casa é tal que cada área está destinada a um uso particular, resguardando, deste modo, o caráter da sala de estar. Em oposição a uma configuração aberta, na qual a sala se converte num espaço indiferenciado que consagra indistintamente todos os usos, neste caso, ela restringe-se a um cenário próprio e distinto, que concentra a vida doméstica. Da mesma forma que, em situações de receção de convidados, estes não ficariam inteiramente expostos à totalidade dos espaços domésticos, e as outras funções podem ser realizadas com tranquilidade, sem a exposição dos habitantes da casa.

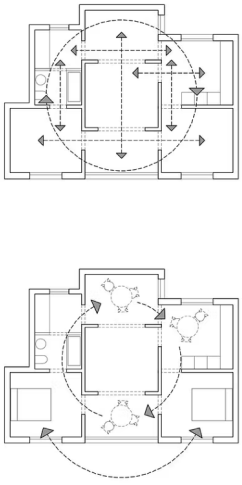
Para Christopher Alexander, *"deve permitir-se que cada tipo de experiência possa desenvolver-se por si mesma, em condições especiais, claramente definidas, e inclusive fisicamente separadas das outras experiências."*[43] Entende-se por isto que, as atividades quotidianas devem ser realizadas em zonas distintamente articuladas e corretamente estruturadas; ou seja, deve existir uma separação nítida entre os diferentes domínios, pois, sem uma definição e organização clara, a experiência torna-se caótica. Contrariamente à opinião comum, a separação dos usos não se limita a um exercício de distribuição de áreas segundo necessidades práticas, mas constitui uma estratégia projetual que qualifica a experiência doméstica, oferecendo a cada compartimento a oportunidade de expressar uma vocação particular.

---

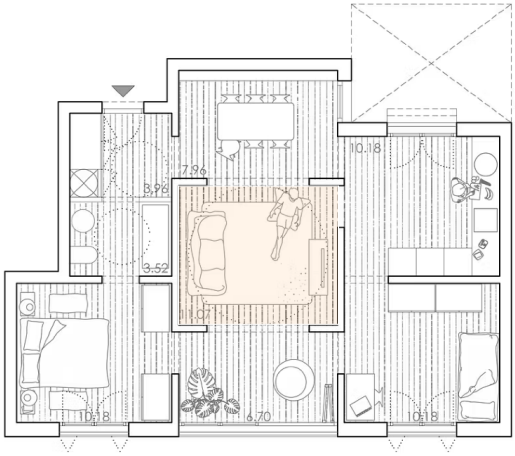
[43] ALEXANDER, Christopher; CHEMAYEFF, Serge: *Comunidad y privacidad*. Buenos Aires, Ediciones Nueva Visión, 1970, p.124.



[Fig 56]: Vista para sala de estar central, do edifício Rotonda 1567, Badalona, 2020. Atelier Roel Sánchez. Fonte: https://www.roel-sanchez.com/incasolbadalona



[Fig 57]: Esquema de circulação ao redor da sala de estar central, no edifício Rotonda 1567, Badalona, 2020. Atelier Roel Sánchez. Fonte: https://www.roel-sanchez.com/incasolbadalona



[Fig 58]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Rotonda 1567, Badalona, 2020. Atelier Roel Sánchez. Fonte: https://www.roel-sanchez.com/incasolbadalona

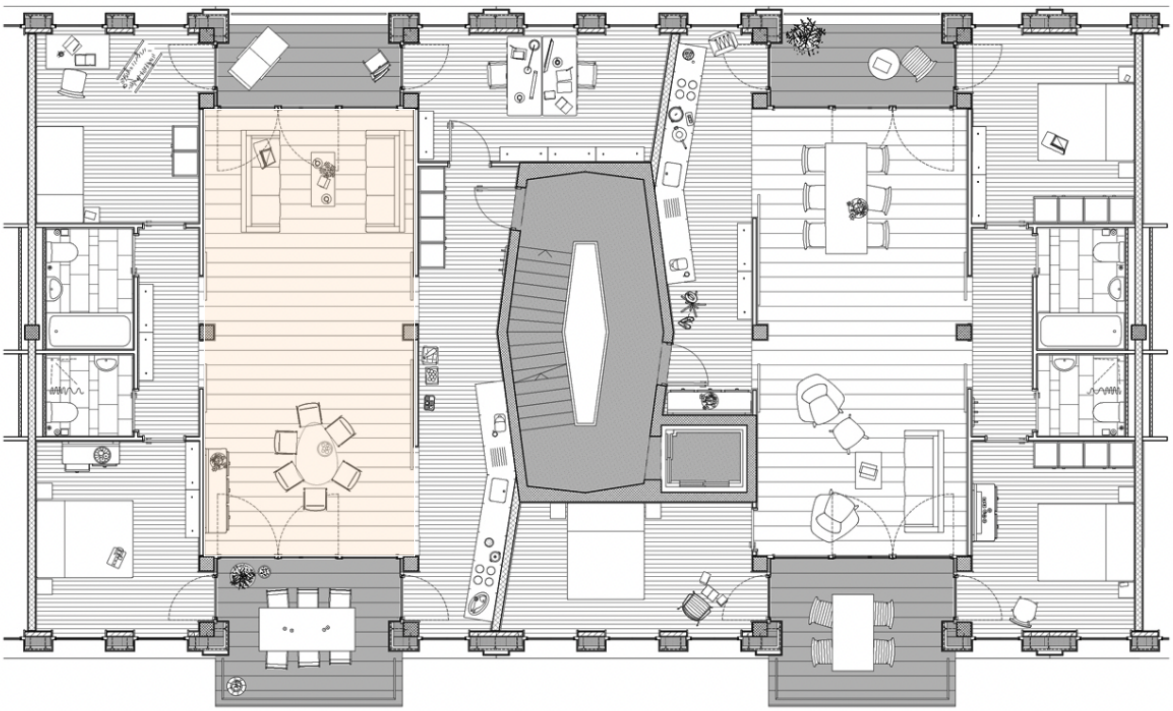
c) A possibilidade de isolamento simbólico

Um dos parâmetros mais significativos a serem compreendidos no espaço doméstico, é a necessidade de privacidade e isolamento, particularmente importante em espaços residenciais com vários utilizadores, seja uma família ou um grupo de indivíduos desconhecidos que coabitam o mesmo espaço. Ana Silva aponta que *"o isolamento é conseguido através da concepção do espaço, da estanqueidade das células, através das rotinas e práticas quotidianas."*[44]Assim sendo, uma das hipóteses abordadas em prol da possibilidade de isolamento, é a opção de fazer com que a maioria dos fluxos não precise de passar pela asla de estar central, assegurando-lhe deste modo, a oportunidade de resguardo em determinados momentos. Neste contexto, dois princípios de design propostos por alguns autores, com vista a atender a estes fatores, desencadeiam-se, nomeadamente, na separação dos espaços para a vida pessoal e comunitária e, na implementação de uma conexão circular.[45] Desta forma, oferece-se a oportunidade de se estar envolvido em atividades de grupo com membros da família ao mesmo tempo que atende às necessidades individuais. Em relação à circulação circular, *"de forma a garantir a independência espacial adequada dos espaços individuais das áreas comuns, é desejável ter a opção de formar uma conexão circular que contorne a área de estar ou conecte uma ou duas salas diretamente à zona de entrada."*[46]

No apartamento inserido no edifício Rotonda 1567, projetado pelo atelier Roel Sanchez em 2020 na cidade de Badalona, o espaço contido da sala de estar ocupa o centro da planta. O desenho organiza-se de forma a permitir que a circulação ocorra em formato circular, numa sequência de compartimentos dispostos ao seu redor. Deste modo, são proporcionadas alternativas de acesso sem que seja necessário atravessar o espaço da sala e esta lógica espacial de interioridade controlada permite a existência de um centro estático, propício à

---

[44] SILVA, Ana Sofia Pereira da; *La intimidad de la casa: el espácio individual em la arquitetura doméstica en el siglo XX*. Buenos Aires, Diseño, 2015, p.103.
[45] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 32.
[46] Ibiddem, p. 33.

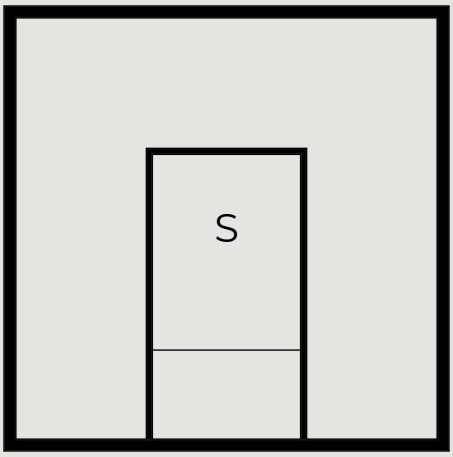


[Fig 59]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Schwamendingen, Zurique, 2014. Nike Himmels. Fonte: https://caruso.arch.ethz.ch/project/274

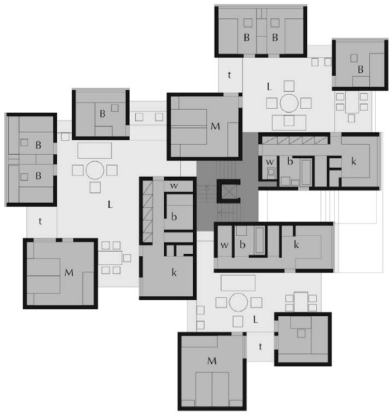
permanência, que resiste à lógica dos movimentos; ou seja, por não ser atravessada constantemente pela maioria dos fluxos quotidianos, a sala guarda alguma independente. É de referir, ainda, que embora as suas amplas aberturas exponham de certa forma a sala, o seu caráter contido e isento da distribuição faz com que se tone num lugar que exige intenção de entrar, reforçando, deste modo, possibilidades de isolamento.

Outra alternativa semelhante, embora com uma dimensão da sala completamente distinta, acontece no projeto Schwamendingen, elaborado pelo aluno Nike Himmels, do atelier Adam Caruso, em 2014 na cidade de Zurique. A sala possui uma configuração alongada, assemelhando-se a um retângulo estendido, que organiza à sua volta o resto da casa. Tal como no exemplo anterior, a circulação neste apartamento também pode ocorrer de forma circular, porém implicaria transições de um lado para o outro através de dois espaços exteriores. Em contrapartida, o formato alongado da sala exigiu a interferência de uma passagem pelo seu eixo central, resultando na criação de dois pólos distintos: um mais ligado à área de estar isolada, e outro à área de refeições. Focando-nos mais na área de estar, e na possibilidade de isolamento, é evidente que este território doméstico resiste por permanecer intocável, apesar da permeabilidade que lhe possa ser tangencial. Por estar encerrada nas restantes faces, com a exceção da ligação com a varanda, continua a ser um espaço separável dos fluxos quotidianos. Ao invés de irradiar, a sala absorve e concentra, permitindo a quem necessita de um espaço tranquilo a realizações de determinadas atividades. *"Implementar uma conexão circular (...) pode alcançar um nível mais alto de privacidade, pois os usuários não se perturbam durante diferentes atividades."*[47] Importa, no entanto, salientar que, em ambos casos, o atravessamento é possível, mas não inevitável; ou seja, pode-se circular ao redor sem necessariamente penetrar no interior da sala de estar, revelando-se esta como um espaço de permanência controlada.

[47] ALFIREVIC, Dorde; ALFIREVIC, Sanja. *Principles Of Residential Space Configuration*. Belgrade, Dr Bozidar Manic, Senior Research Fellow, 2024, p. 33.



3.S5. Sala de Estar Central que articula o interior e o exterior



[Fig 60]: Edifício Neue-Stadt, Colónia, 1989. O. M. Ungers. Fonte: https://researchonline.rca.ac.uk/4571/8/OMU_NS%20Cologne.pdf



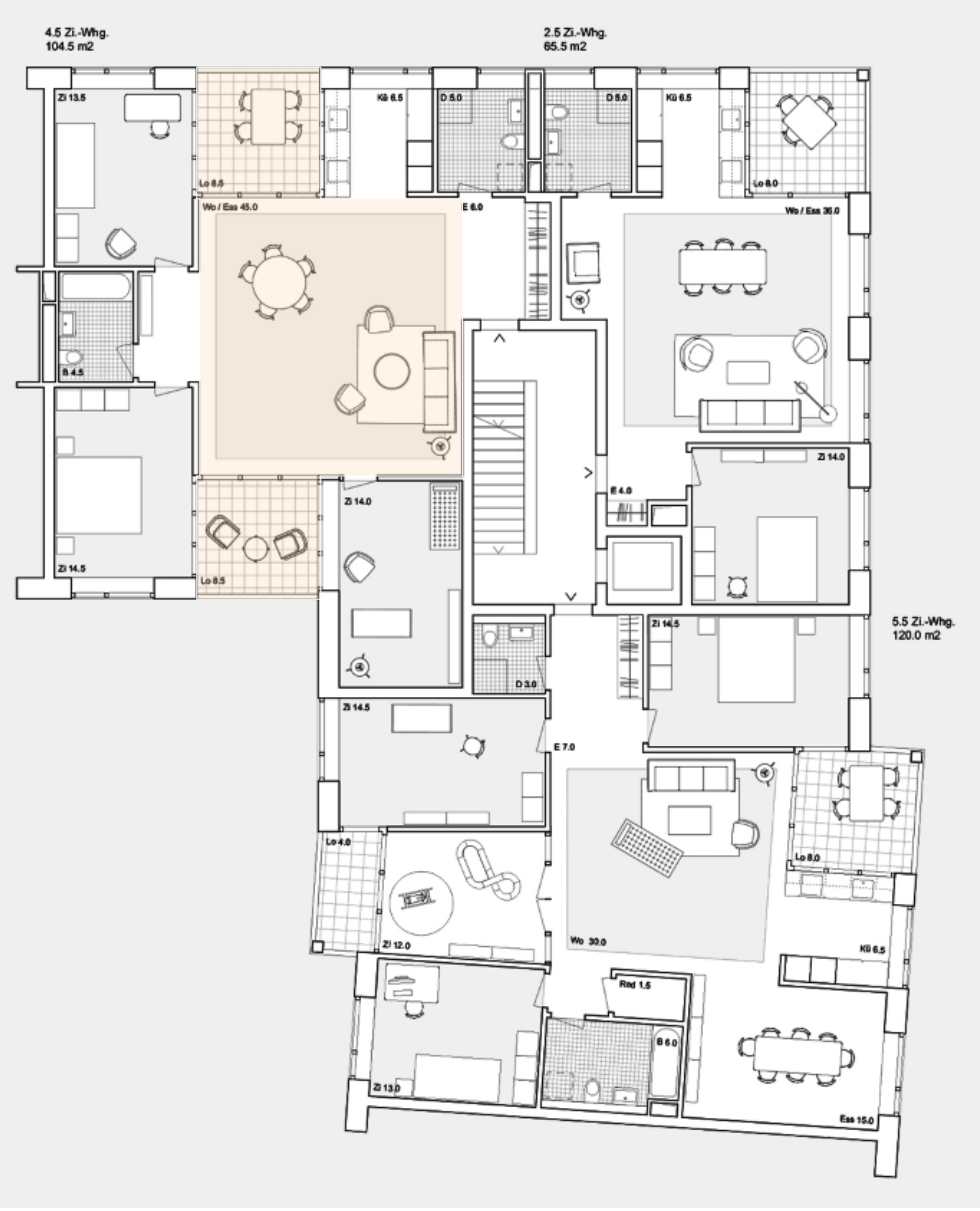
[Fig 61]: Apartamento com sala de estar central, do edifício Neue-Stadt, Colónia, 1989. O. M. Ungers. Fonte: SCHNEIDER, Friederike; *Atlas de plantas: vivendas.* Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

a) Conforto ambiental através da sala

Como uma última escolha para a compreensão das diferentes análises sobre a posição central da sala de estar no espaço residencial, aborda-se a questão deste compartimento como protagonista da relação entre o interior e o exterior doméstico. Nesse contexto, o conforto ambiental é um estado sentido através das características do espaço ocupado, constituindo uma condição importante a alcançar para o bem-estar dos habitantes. Sempre que possível, deve explorar-se a transição progressiva entre os espaços interiores e exteriores, uma vez que essa relação pode ser um elemento importante para otimizar o comportamento ambiental dos edifícios, atuando como uma camada de proteção entre a casa e o clima exterior, funcionando como uma bolsa de clima intermédio.[48] A sala de estar central, sendo o principal espaço de permanência prolongada, constitui-se como compartimento privilegiado da relação entre interior e exterior, tanto através de amplas aberturas, como de jardins de inverno e varandas, que se revelam os dispositivos arquitetónicos de maior importância na gestão do conforto doméstico. A sala central funciona então como atenuadora climática para os demais compartimentos interiores, absorvendo, transformando e redistribuindo ar e temperatura, e o mesmo acontece com o som, e até mesmo com os odores. Consequentemente, a sala é mais uma vez um local especial da casa, trazendo o exterior para dentro do espaço doméstico.

O apartamento inserido no edifício Neue-Stadt, elaborado pelo atelier O.M. Ungers em 1989, na cidade de Colónia, exibe uma sala de estar central irregular, derivada da composição estratégica de volumes encerrados que assumem funções e posições diferentes. Sendo o amplo espaço da sala de estar o primeiro quando se entra na casa, o conforto ambiental interior é sentido de imediato neste espaço. Este controlo, dá-se através das várias aberturas recuadas, situadas em todas as fachadas, bem como por meio de uma pequena varanda que possibilita um maior contacto com o exterior. Adicionalmente, o posiciona-

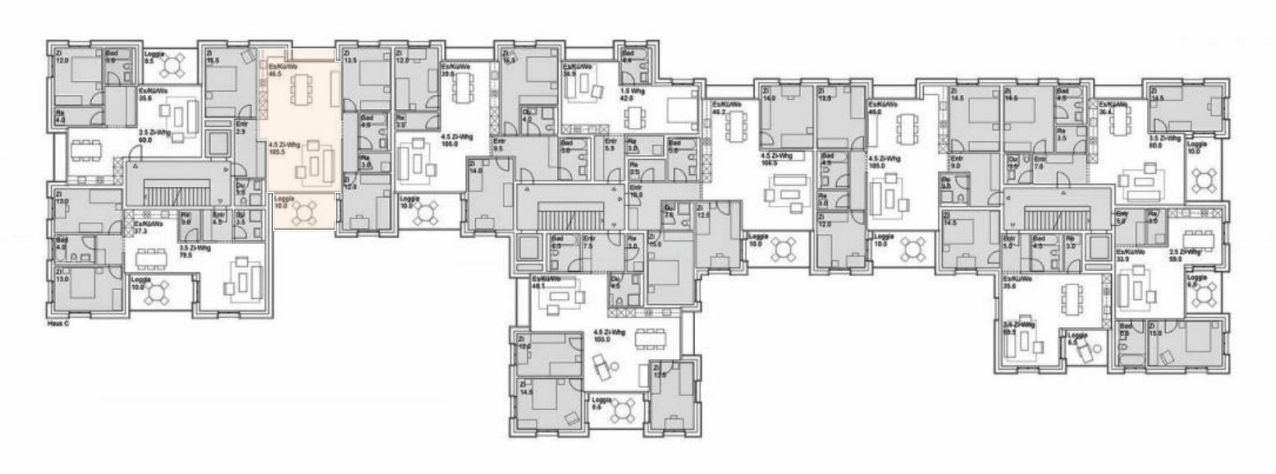
[48] TIRONE, Lívia; NUNES, Ken. *Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável*. Lisboa, 2010, p. 108.



[Fig 62]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Trieglo Schwamendinger, Zurique, 2019. Atelier Esch Sintzel. Fonte: https://www.eschsintzel.ch/en/selection/projects/schwamendinger-dreieck/?cat=contest

mento destas aberturas permite a redução da dependência associada à utilização de sistemas artificiais de iluminação e ventilação. Importa ainda referir que o facto da sala de estar marcar presença em cada uma das fachadas, permite que esta capte simultaneamente condições ambientais opostas de cada dia, ou seja, o sol de um lado e a sombra do outro, o vento e o abrigo, o ruído e o silêncio. O conforto é então proporcionado pelas múltiplas possibilidades que esta sala oferece.

Por outro lado, o complexo Trieglo Schwamendinger, elaborado em 2019 pelo atelier Esch Sintzel, possui alguns apartamentos com a configuração da sala de estar central, onde a conexão com o exterior é estabelecida por meio de varandas recuadas. O apartamento destacado possui duas varandas situadas em frentes opostas, alinhadas no mesmo eixo, oferecendo a possibilidade de a sala de abrir para dois horizontes distintos simultaneamente. A relação com estes dois espaços exteriores é então estabelecida em formato de um T, permitindo que uma parte da sala seja diretamente afetada pelas oscilações cruzadas e contínuas, enquanto que a outra parte se mantém protegida. Aqui, as regulações climatéricas também podem ocorrer através da cozinha que se encontra no ângulo entre uma das varandas e a sala, potenciando filtragens adicionais, aspetos que se destacam em todos os apartamentos do edifício, independentemente das diferenças nas configurações. Deste modo, percebe-se que a sala é também e sempre dependente destes dois espaços para alcançar um determinado conforto ambiental, uma vez que a relação com os demais espaços é estabelecida de forma mais indireta.



[Fig 63]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Guggach II, Zurique, 2014. Atelier Gigon Guyer. Fonte: https://www.gigon-guyer.ch/en/project/housing-development-guggach-2/



[Fig 64]: Vista do exterior do edifício Guggach II, Zurique, 2014. Atelier Gigon Guyer.
Fonte: https://www.gigon-guyer.ch/en/project/housing-development-guggach-2/

b) Sistemas passivos através da sala central

Os paradigmas históricos apontaram durante muito tempo para um alinhamento monótono de fachadas com janelas idênticas. No entanto, estas abordagens tradicionais de conceção espacial foram contestadas pelos racionalistas que afirmavam que, *"não se pode iluminar uma grande sala de estar como um quarto"*[49]. Assim emergiu a necessidade de um maior contacto com o exterior nos apartamentos dos edifícios de habitação plurifamiliar, não só porque isso transforma o interior ao ampliar o espaço, mas também porque cria a ilusão de perceção com vistas desobstruídas: *"Não se trata mais apenas de perfurar paredes, mas de dar vistas agradáveis, arejar e também criar lugares para melhor satisfazer o hedonismo, garantido ao mesmo tempo a saúde."*[50] Desta forma, as salas de estar centrais projetam-se muitas vezes até às duas fachadas tanto frontal quanto posterior, estabelecendo uma continuidade visual e espacial que se prolonga de um exterior até a outro exterior, e a sala torna-se o lugar onde a casa se abre a dois horizontes distintos: a rua e o pátio. A partir dela é possível perceber simultaneamente o que acontece de um lado e do outro, oferecendo aos habitantes a possibilidade de se recolherem entre a abertura para o público ou para o mais resguardado do edifício numa paisagem mista: de um lado a rua, no meio a casa, e do outro, o logradouro. *"Esses espaços internos e abertos à vista não são apenas um prazer para os olhos: sentamo-nos ao sol, também nos isolamos durante uma noite (...)"*[51]

Como primeiro exemplo, destaca-se o complexo habitacional Guggach II, concebido pelo atelier Gigon Guyer, em 2014 em Zurique. A maioria dos apartamentos deste projeto revela uma configuração de salas abertas centrais, que estabelecem uma comunicação contínua com duas frentes do edifício, favorecendo, desta forma, a iluminação e ventilação natural e transversal, e reduzindo a utilização de recursos artificiais. Outro aspeto interessante e destacável deste projeto é a capacidade de estabelecer um ritmo quase uniforme na fachada, com as varandas a indicarem sempre a centralidade das salas, apesar das dife-

---

[49] ELEB, Monique: *L´invention de l´habitation moderne*. Paris, Éditions Hazan, 1995, p. 251
[50] Ibidem.
[51] Ibidem, p. 257.

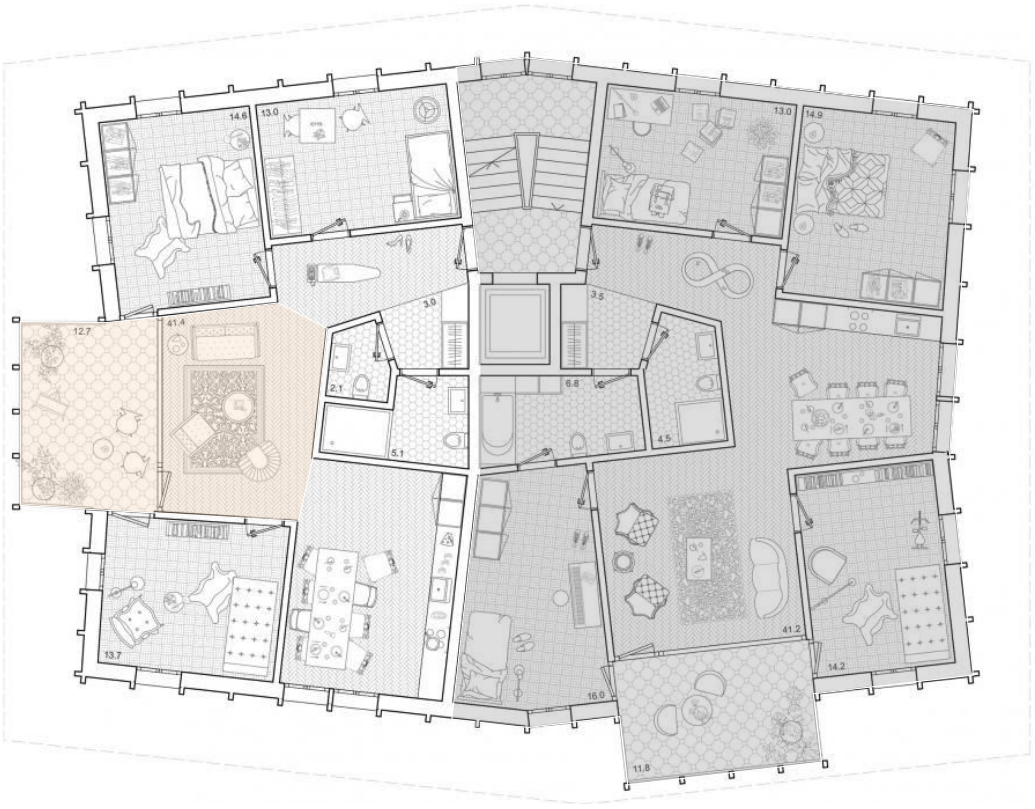


[Fig 65]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Buchwiesen, Zurique, 2019. Atelier Loeliger Strub. Fonte: https://loeligerstrub.ch/nproject/buchwiesen/

renças significativas nas configurações das plantas. Ou seja, ao observar pelo exterior, não seria expectável que todos os apartamentos apresentassem características distintas, assegurando-lhes, deste modo, uma certa identidade singular. Ademais, a solução projetual possibilita a construção de amplas aberturas nas salas centrais, que se estendem para pequenas varandas, estabelecendo uma continuidade visual fluida, sem delimitações aparentes, ampliada ainda mais pela transparência das guardas de vidro.

Da mesma maneira, o edifício Buchwiesen na mesma cidade, projetado pelo atelier Loeligerstrub em 2019, apresenta uma configuração de sala central similar que atravessa o edifício de fachada a fachada, prolongada também por varandas. Para além de todas as características semelhantes ao primeiro exemplo, o elemento a destacar é o facto de a entrada para os apartamentos ser realizada a partir da sala ampla, através de uma galeria comum. Deste modo, um dos espaços exteriores da sala é mais coletivo e propício à relação com os vizinhos, ao contrário do outro que é exclusivamente privado. A relação que a sala estabelece com estes espaços exteriores, cria um continuum que enriquece a experiência doméstica, tornando-a mais fluída e adaptável a diferentes situações: momentos de convívio, refeições em grupo, receção de convidados ou simplesmente descanso individual.

Vale a pena destacar a importância das aberturas transversais nos dois apartamentos, que permitem que o ar circule livremente entre os dois extremos do edifício, renovando-o e melhorando o conforto térmico interior. Do ponto de vista da iluminação, a dupla frente da sala garante uma entrada de luz natural em diferentes momentos do dia, conferindo desta forma uma qualidade ao espaço consideravelmente superior.



[Fig 66]: Apartamento com sala de estar central, no edifício Wespiwiese, Uzwil, 2019. Atelier Igual&Guggenheim. Fonte: https://www.igualguggenheim.ch/projekte/projekt3047

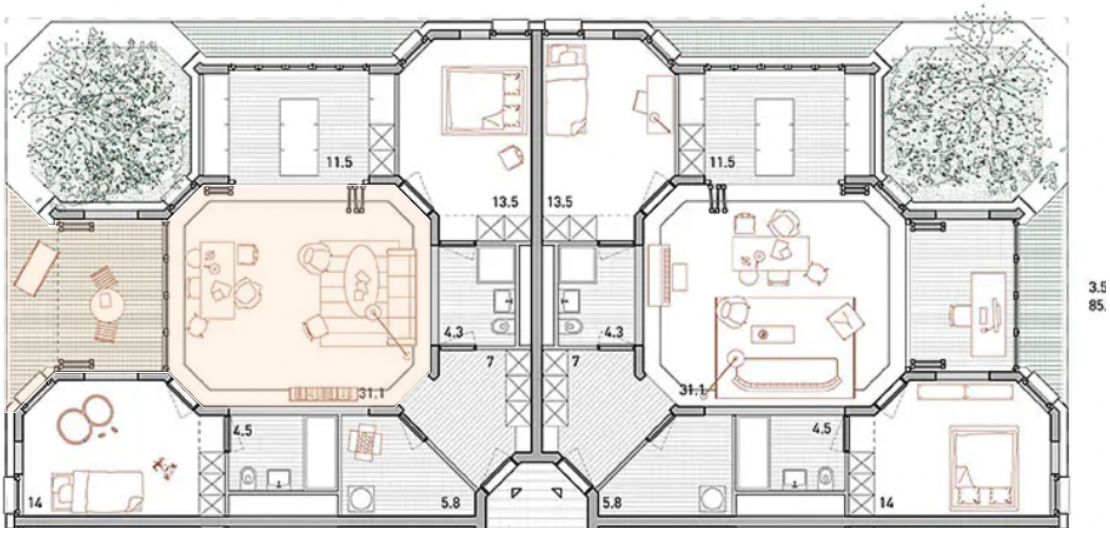
c) A varanda como sala de estar exterior

"Para alguns humores, em certos momentos do dia, precisa-se de um lugar para comer, sentar bem vestido, tomar uma bebida, manter uma conversa e, ainda assim, fazer tudo isso ao ar livre."[52] Como solução, Christopher Alexander propõe a existência de uma sala externa dentro do espaço doméstico, parcialmente fechada e parcialmente aberta, onde os habitantes se comportam como se estivessem no interior, usufruindo, porém, da vantagem adicional do sol, do vento, dos sons e dos odores. E é dentro desta perspetiva que António Coelho refere que as varandas devem prolongar prioritariamente as salas e, posteriormente os quartos.[53] Entende-se por isto que uma varanda ligada à sala, constitui um espaço de maior sociabilidade, onde todos os membros da família podem estar juntos, e realizar várias atividades em conjunto, diferentemente de uma varanda associada ao quarto. Nesse contexto, quando devidamente delimitadas pelas paredes do edifício, essas varandas transformam-se em salas especiais ao ar livre que, em conjunto com a sala de estar, formam uma área de permanência praticamente contígua.[54] Assim, a sala constitui o espaço interior da habitação que estabelece a relação mais próxima com a varanda, enriquecendo, deste modo, o seu ambiente. *"Estes espaços de transição conferem uma sensação libertadora. Encontram-se entre duas identidades marcadas, a interior e a exterior, que se anulam ou se sobrepõem nestes espaços, fazendo com que a sua experiência liberte o utilizador das condicionantes que normalmente restringem a sua perspetiva existencial."*[55]

O projeto Wespiwiese elaborado em 2019, pelo atelier Igual&Guggenheim, em Uzwil, constitui um dos exemplos seleccionados para melhor descrever a relação que a sala de estar central estabelece com a varanda. De maneira perceptível, o apartamento possui dimensões generosas, evidenciando a atenção à di-

---

[52] ALEXANDER, C: *Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.* Gustavo Gili, Barcelona, 1980, p. 672.
[53] COELHO, António Baptista; PEDRO, João Branco: *Espaços e Compartimentos in: Do bairro e da Vizinhança à Habitação.* Lisboa, LNEC, p.459.
[54] Ibidem, p. 673.
[55] Ibidem.



[Fig 67]: Apartamentos com salas de estar centrais, no edifício Papieri Areal, Cham, 20123. Atelier Loeliger Strub. Fonte: https://loeligerstrub.ch/nproject/studienauftrag-baubereiche-h-g-papieri-areal-cham/



[Fig 68]: Alçado do edifício Papieri Areal, Cham, 20123. Atelier Loeliger Strub. Fonte: https://loeligerstrub.ch/nproject/studienauftrag-baubereiche-h-g-papieri-areal-cham/

mensão do espaço que estabelece a relação com o exterior. Assim, a nível de dimensões, e por estar em contacto direto com a sala de estar, esta varanda funciona de igual maneira como uma sala de estar ao ar livre. A sua forma de introdução no edifício, que tanto se estabelece como uma varanda recuada quanto projetada, oferece diversas possibilidades de permanência aos habitantes dentro da esfera doméstica. Ou seja, por estar em sequência com a sala de estar, a parte recuada cria a sensação de ainda se estar no interior, mesmo que separada pela caixilharia.

Outro exemplo comparável é o Papieri Areal, elaborado pelo atelier Loeliger Strub, na cidade de Cham, em 2023. O apartamento que ocupa o último piso do edifício destaca-se pela dupla relação com o espaço exterior. Por estabelecer uma ligação direta com o espaço da sala, este espaço exterior marca um prolongamento da zona de convívio para a envolvente exterior, permitindo que as funções relacionadas com o estar possam também ser realizadas neste espaço, representando um modo de vida valorizador do contacto entre distintas realidades sensoriais e espaciais. Por outro lado, este apartamento possui dois espaços exteriores que estabelecem uma certa profundidade recuada em relação à sala de estar e à fachada, funcionando de como filtros de luz e ar. Estas varandas permitem, por um lado, que a sala se abra por completo através de amplos vãos envidraçados, provocando uma continuidade visual para o exterior, e, por outro, atuam como um filtro, impedindo a incidência direta da luz solar no espaço da sala. Além disso, o apartamento conta com um espaço verde anexado à varanda situado na diagonal da sala, permitindo uma ampla vista panorâmica.

Embora seja apenas mencionada a conexão do espaço exterior com a sala de estar, é de referir que, nos exemplos apresentados para esta categoria, também se considera a conexão de outros espaços da casa com a varanda, tendo-se especificado apenas aquilo que constitui o tema central da dissertação.

4. A Sala de Estar Central e a Organização do Espaço Doméstico

A Sala de Estar Central proporciona uma experiência quotidiana singular, centrada num espaço único que domina toda a organização do espaço doméstico. A presente dissertação procurou concentrar-se na observação aprofundada do impacto que esse espaço, localizado no centro da casa, exerce sobre o desenho e os usos. O interesse principal incidiu sobre apartamentos de edifícios de habitação plurifamiliar, com o objetivo de interpretar de forma contemporânea uma tradição geralmente associada a casas unifamiliares e compreender de que modo este tipo de configuração tem sido adotado em contextos coletivos. Constatou-se que estas organizações espaciais continuam a existir, sustentadas por determinados modos de interpretar a domesticidade, resultando numa combinação singular de tradição e inovação. Para facilitar a compreensão do tema, a apresentação dos casos de estudo não seguiu qualquer ordem cronológica, e o trabalho estruturou-se em torno de diversos aspetos das características da sala de estar central.

Evidentemente, a Sala de Estar Central, não se constitui apenas como uma categoria de âmbito tipológico, mas também como um elemento fulcral da casa ao longo da história da habitação. Neste espaço, desenvolveram-se sempre práticas sociais, de convívio e de representação, transformando-o num local que transcende a função utilitária, adquirindo uma dimensão simbólica significativa, consolidando-se a ideia de um espaço central em torno do qual se organiza a vida doméstica. A análise da evolução da sala de estar central através dos séculos, permite identificar uma trajetória lógia: desde o átrio romano, passando pelo Hall inglês, pelos salões das vilas palladianas, e pelas salas cerimoniais das casas burguesas do século XIX, até à sala de estar ou *living room* dos exemplos modernos, modernistas e contemporâneos, evidenciada no estudo dos diversos exemplos abordados ao longo do trabalho.

Num contexto social e simbólico, a Sala de Estar Central configura-se como o local de encontro e convívio por excelência, onde a família se reúne e onde os visitantes são recebidos. Nesse sentido, a categoria *Sala de Estar Central como*

Espaço de Entrada evidencia, através dos casos de estudo analisados, este papel de receção imediata, projetando a primeira impressão da habitação e, consequentemente, a identidade dos seus habitantes a partir da posição frontal e central da sala de estar. A análise revelou que este espaço representa mais do que um mero ponto de chegada na casa, constituindo-se como um local impregnado de significados que transcendem a sua função imediata. Na verdade, nestas situações, a sala ela atua como mediadora entre o interior e exterior, condensando de rituais de chegada, acolhimento e pertença; e simultaneamente, a sua posição frontal, tem um impacto no conjunto do ambiente doméstico.

A categoria *Sala de Estar Central como Ponto de Circulação* procurou esclarecer de que forma os percursos neste espaço, moldam a experiência do habitar no ambiente doméstico. À primeira vista, a sala pode parecer apenas um espaço intermédio, responsável pela função circulatória da casa. Todavia, numa análise mais aprofundada, revela-se como um elemento organizador da planta, em torno do qual, toda a habitação se estrutura. A sua localização central não só define os fluxos, como também estabelece a ordem espacial que condiciona a relação entre todos os outros compartimentos. Nestes casos, é a partir da sala de estar central que se compreende a lógica do espaço doméstico, confirmando que a circulação centralizada constitui um princípio de organização específico. Contudo, constatou-se que este tipo de configuração não está isento de limitações, especialmente em habitações de dimensões reduzidas. Ao concentrar os percursos na sala central, esta perde parte da sua capacidade de intimidade, tornando-se mais exposta e dificultando, simultaneamente, a sua utilização enquanto espaço de estar, dando origem a uma tensão constante entre fluidez e permanência no espaço.

Nesta síntese, justifica-se a apresentação da *Sala de Estar Central Aberta* em conjunto com a *Sala de Estar Fechada*, uma vez que representam duas faces opostas de uma mesma condição. A coexistência destes dois modelos demostra que o estar central não constitui um tipo imutável, mas sim um dispositivo sus-

cetível de se transformar de acordo com as necessidades, as tradições ou as inovações. Observou-se que a abertura valoriza o movimento, a transparência e a integração, enquanto o fechamento proporciona uma sensação de ordem, privacidade e intimidade.
Ambos os modelos cumprem, contudo, o papel de se afirmarem como o núcleo vital do desenho da planta dos apartamentos. Apesar das atuais tendências de conceção espacial privilegiarem soluções mais abertas, em detrimento de espaços mais compartimentados, é fundamental reconhecer que nem toda a integração espacial é desejável, assim como nem toda separação constitui uma abordagem antiquada. E o valor destas estruturas depende, em grande medida, do contexto funcional e cultural em que se inserem.

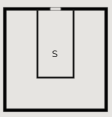
Numa perspetiva de flexibilidade e transformação, é evidente que os limites entre estabilidade e mudança são menos óbvios do que parecem. No caso da sala de estar central aberta, o espaço adquire fluidez e expansão, prolongando-se em direção às outras áreas da casa e permitindo que o habitar se desenrole num ritmo uno e contínuo. No entanto, esta fluidez não se traduz em liberdade absoluta: a natureza permanente da exposição condiciona o mobiliário, os usos e até a própria vivência.
Por sua vez, apesar da centralidade da sala de estar fechada se manifestar em termos de concentração e recolhimento, proporcionando um ambiente de convivência mais restrito, também se pode revelar maleável. Assim, afirmar que uma sala de estar fechada não é adaptável constitui uma generalização injustificada, uma vez que estas salas podem assumir diversas funções dentro dos limites do seu próprio espaço. Em consequência, a flexibilidade não é exclusiva da sala aberta, nem incompatível com a sala fechada; ambos os modelos oferecem possibilidades de usos diversificados, embora de naturezas distintas.

Para concluir a análise da sala de estar central, e considerando um dos aspetos mais relevantes da sua integração num projeto doméstico, apresenta-se a *Sala de Estar Central que articula o Interior e o Exterior*. Para além de se afirmar como

o principal elemento responsável pelo conforto ambiental na habitação, um dos princípios identificados nesta categoria relaciona-se com o ritmo que estas salas centrais estabelecem em relação ao edifício e às suas fachadas. A repetição da sala de estar central em muitos ou em todos os apartamentos, determina um princípio rítmico que organiza a totalidade de um edifício: percetível nas plantas, marcadas por uma sucessão contínua de núcleos centrais, onde se destacam como ponto de convergência espacial e, simultaneamente, como unidade de referência para a composição global; e percetível nos alçados, pois a dimensão rítmica da sala de estar central evidencia-se também frequentemente através de envidraçados e varandas, onde se materializam proporções, alinhamentos e repetições que conferem identidade ao conjunto arquitetónico. E nestas condições, a sala de estar central estabelece-se como um verdadeiro dispositivo de composição arquitetónica.

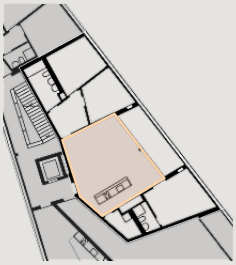
Por fim, importa salientar que todos os casos de estudo apresentam um conjunto de diversificados de características que vão para além daquelas destacadas em cada uma das categorias apresentadas. As sobreposições de categorias não foram intencionalmente aprofundadas ao longo dos subcapítulos, de forma a manter o foco analítico na dimensão específica que justificou a inclusão de cada exemplo na categoria correspondente, garantindo clareza e consistência na análise. Pretendeu-se, acima de tudo, explorar múltiplas oportunidades de organização do espaço doméstico a partir do desenho de diferentes tipos de salas de estar centrais.

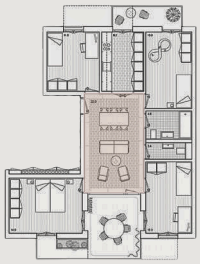
S1



Sala de Estar como espaço de entrada

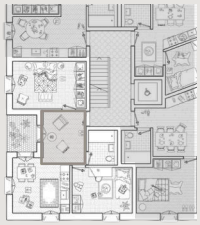
a) A sala na transição entre o público e o privado



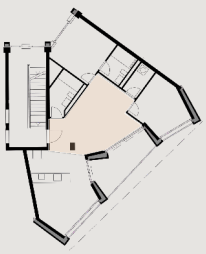


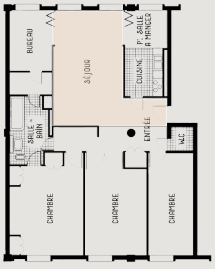
b) Quando a sala é antecâmara





c) Entre chegada e permanência na sala





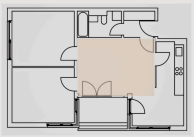
S2



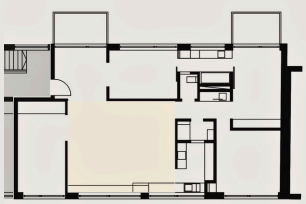
Sala de Estar como ponto de circulação

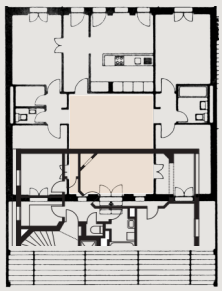
a) Quando o caminho atravessa o estar



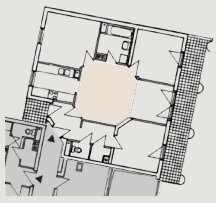


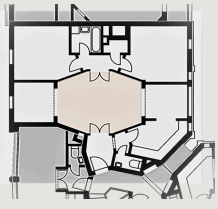
b) Caminhos alternativos à sala de estar



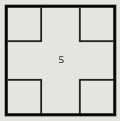


c) A exposição inevitável





S3



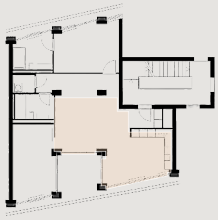
a) Segundo o princípio "Open Space"



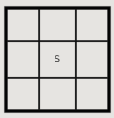
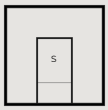
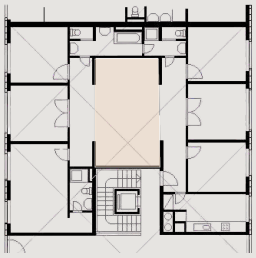
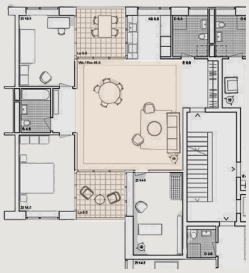
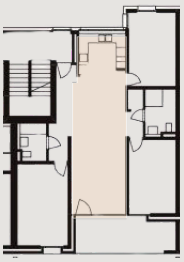
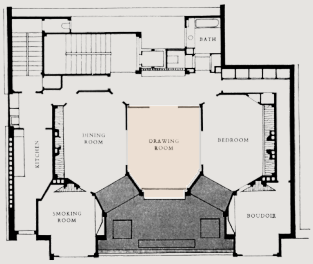
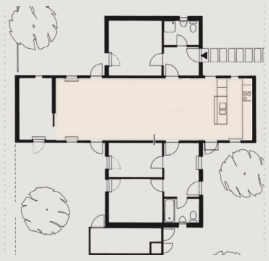
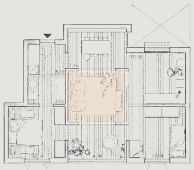
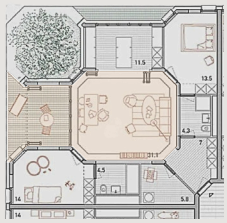
b) Sensação de maior amplitude e perceção do espaço



c) A sala com vários núcleos



ASEducationalVersion

Sala de Estar aberta	S4  Sala de estar fechada	S5  Sala de Estar que articula o interior e exterior
	a) A sala fechada como reflexo das tradições	**a) Conforto ambiental através da sala**
	 	 
	b) Separação dos usos	**b) Sistemas passivos através da sala central**
	 	 
	c) A possibilidade de isolamento simbólico	**c) A varanda como sala de estar exterior**
	 	 

5. Referências Bibliográficas

AGAREZ, Ricardo Costa. *O Moderno Revisitado: Habitação Multifamiliar em Lisboa nos anos de 1950*. Lisboa: C.M. Lisboa, 2009.

ALARCÃO, Jorge de; *Introdução ao estudo da casa romana*. Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras de Coimbra, 1985.

ALEXANDER, Christopher; *Un Lenguaje de Patrones: Ciudades. Edificios. Construcciones.* Gustavo Gili, Barcelona, 1980.

ALEXANDER, Christopher; *Houses Generated by Patterns*. California, 1969.

ALEXANDER, Christopher, **CHEMAYEFF**, Serge; *Comunidad y privacidad*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1970

AVIOLAT, Alexandre; *A L´intérieur: les espaces domestiques du logement collectif suisse.* 2016.

BACHELARD, Gaston; *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

BERGQUIST, Makael; **MICHÉLSEN**, Olof; Accidentism: Josef Frank. Basileia, Birkhauser, 2005

BUSCH, Akiko; *Geography of Home*. Nova Iorque, Princeton Architectural Press, 1994.

CHING, F; *Architecture, Form, Space and Order*. New York: Van Nostrand Reinhold,1943.

COELHO, António Baptista; "Opções de compartimentação na habitação". Infohabitar. Lisboa, 2001, 779.

COELHO, António Baptista, **PEDRO**, João Branco; *Do Bairro e da Vizinhança à Habitação: Tipologias dos níveis físicos residenciais*. Lisboa, LNEC, 1998.

CORREA, Yago Bonet*; La arquitetura del humo*. Barcelona, Fundación Caja de Arquitetos, 2007.

CORNOLDI, Adriano; *La arquitetura de la vivenda unifamiliar: manual del espácio doméstico*. Barcelona, Gustavo Gili, 1999.

EVANS, Robin; *Translations from drawing to building and other essays*. Architectural Association, 1997.

HERTZBERGER, Herman; *Lessons for Students in Architecture*. 010 Publishers, Rotterdam, 2005.

HERTZBERGER, Herman; *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HERTZBERGER, Herman – *Space and the Architect, Lessons in Architecture 2*. Rotterdam: 010 Publishers, 2000.

JESTSONEN, Jari; *Alvar Aalto Apartments*. Helsinki, Rakennustieto, 2004.

KENT, Susan; Domestic architecture and the use of the space. Cambridge, University Press, 1990.

LUCAS, Luís Henrique Haas; "Distribuição na arquitetura do renascimento italiano". Vitruvius, 2011.

LUCAN, Jacques; *Habiter.* Laussane, EPFL Press, 2021.

MIGUEL, J.M.C; *A Casa.* Eduel, São Paulo, 2003.

ELEB-VIDAL, Monique; *L´invention de l´habitation moderne.* Paris, Hazan, 1914.

ELEB-VIDAL, Monique; *Architectures de la vie privée*. Bruxeles, Hazan, 1999.

ELEB-VIDAL, Monique; *Penser L´Habité: le logement en questions*. Pierre Mardaga, 1990.

MALDONADO, Vanda; **Borges**, P.N; *Vitor Figueiredo – Projetos e obras de habitação social.* Lisboa, Circo de ideias, 2015.

MITROVIC, Branko; *Learning from Palladio*. New York, Norton & Company, 2004.

MOORE, Charles; **ALLEN**, Gerald; **LYNDON**, Donlyn; *La casa: forma y diseño*. Barcelona, Gustavo Gili, 1999.

MONTEYS, Xavier; *La Habitación: Más allá de la sala de estar*. Barcelona: Gustavo Gili, 2014.

MONTEYS, Xavier; **FUERTES**, Pere; *Casa collage*. Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

PHILLIPS, Barty; *Minumum Space Maximum Living*. Sterling Publishing, Nova Iorque, 2007.

PORTAS, Nuno, *Funções e exigências de áreas de habitação*. Lisboa, LNEC, 1969.

RYBCZYNSKI, Witold; *La casa: história de uma idea*. Madrid, Nerea, 1997.

RIVERS, Tony; **CRUICKSHANK**, Dan; **DARLEY**, Gillian; **PAWLEY**, Martin: *The Name Of The Room: A History of the British House & Home*. London, BBC Books, 1992.

SCHILDT, Goran, *Alvar Aalto: the earlier years*. New York: Rizzoli International Publications, Inc., 1984.

SCHILDT, Goran; *Alvar Aalto in his own words*. New York: Rizzoli, 1997.

SCHNEIDER, Friederike; *Atlas de plantas: vivendas*. Barcelona, Gustavo Gili, 2002.

SCHNEIDER, Friederike; *Grundrißatlas: wohnunsbau. Floor Plan Atlas: housing*. Basel, Brikhäuser, 1994.

SCHNEIDER, Friederike; **HECKMANN**, Oliver; *Floor Plan Manual Housing*. Basel, Birkhäuser, 2011.

SILVA, Ana Sofia Pereira da Silva; *La Intimidad de la casa: el espácio individual em la arquitetura doméstica.* Buenos Aires, Diseño, 2015.

TIRONE, Lívia; **NUNES**, Ken; *Construção Sustentável: Soluções para uma prosperidade renovável*. Lisboa, 2010.

VAN DER LAAN, Hans, *L'espace architectonique: quinze leçons sur la disposition de la demeure humaine*. Leiden, E.J.Brill, 1989.

Sites

Adam Caruso - *https://caruso.arch.ethz.ch*

Afasia archzine – *https://afasiaarchzine.com*

Archdaily - *https://www.archdaily.com*

Architecture Suisse - *https://architecturesuisse.ch/de/*

Arch Inform - *https://www.archinform.net/index.htm*

Building Types Online - *https://bdt.degruyter.com*

Christ & Gantenbein - *https://www.christgantenbein.com*

Espazium - *https://www.espazium.ch/de*

Eschzintzel - *https://www.eschsintzel.ch*

Flickr - *https://www.flickr.com*

Gigon Guyer - *https://www.gigon-guyer.ch/en/*

Hidden Architecture - *https://hiddenarchitecture.net/*

Igual & Guggenheim - *https://www.igualguggenheim.ch*

Infohabitar - *http://infohabitar.blogspot.com*

Loeligerstrub - *https://loeligerstrub.ch*

Meili & Peter - *https://www.meilipeterpartner.ch*

Research Online - *https://researchonline.rca.ac.uk*

Roel Sánchez - *https://www.roel-sanchez.com*

Studio Blomen - *https://studioblomen.com*

Studio Dia - *https://studiodia.ch*

Vitruvius - *https://vitruvius.com.br/jornal*